

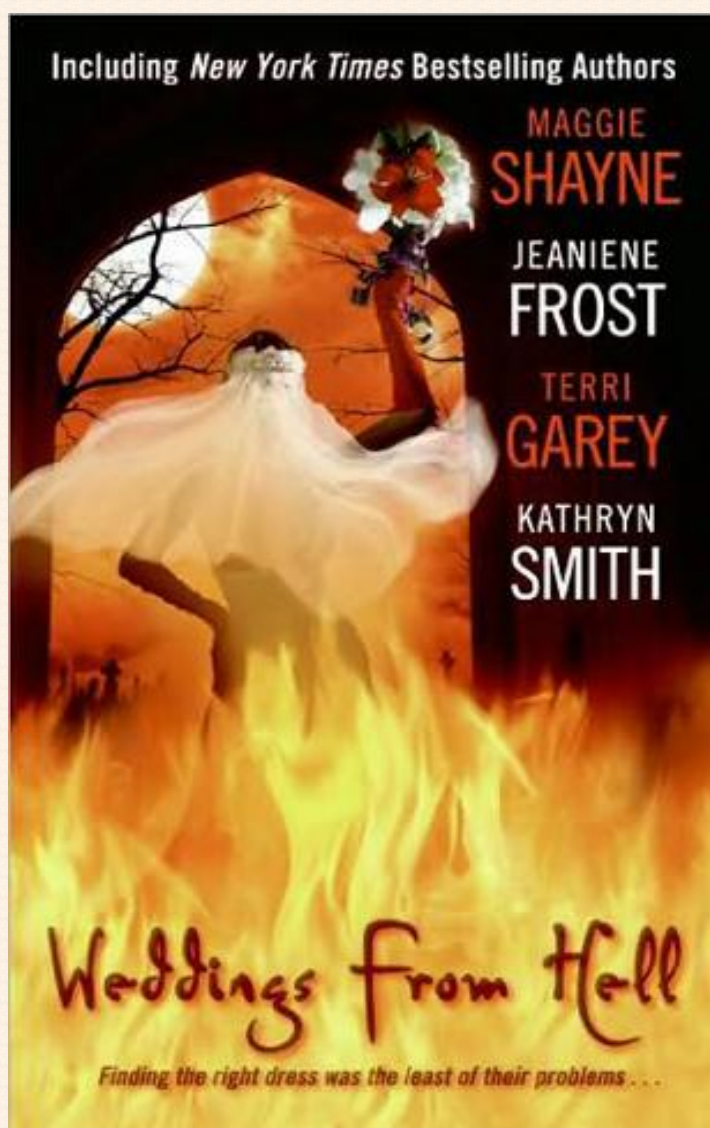
Noite de Bodas

Irmandade de Sangue 3.5
(Weddings from Hell Anthology)

Kathryn Smith

Formatado: Inglês (EUA)

Formatado: Inglês (EUA)





Noite de Bodas

Alguns matrimônios parecem ter sido planejados no céu... Outros não. O que acontece quando o suposto dia mais feliz de sua vida se transforma em um autêntico pesadelo? E não, não nos referimos ao padrinho que chega bêbado ou a madrinha num vestido caipira... Nenhum de todos os possíveis desastres que possa imaginar pode comparar-se a uma maldição ou que um vampiro queira sabotar sua festa...

O vampiro Payen Carr retornou no momento mais inconveniente de todos: na véspera das bodas de Violet. Mas Payen necessita de sua ajuda desesperadamente.

Este arquivo chegou a vocês graças a **Rosse Vargas**. A ela o nosso muito obrigada!



Capítulo 1

Londres, 1879,

"É claro que sabe que Violeta se casará na próxima semana."

Payen Carr gelou no meio de uma grande mordida no bife a meio caminho de sua boca. Ele levantou sua cabeça para sorrir agradavelmente — falsamente — à mulher mais velha a sua frente na mesa. "Quem?"

Lady Verge o olhou com uma vaga repreensão, como se pensasse que ele era deliberadamente obtuso — e claro, ele o era.

"Violeta Wynston-Jones, protegida do Conde de Wolfram. Você recorda a querida Violeta, não é?"

Payen empurrou o bife na boca e mastigou pensativamente, enquanto saboreava os ricos sucos quando alcançaram sua língua. Recordar a "querida" Violeta? Malditos sejam todos, ele não poderia esquecer-se dela. Ela era a razão porque tinha deixado a Inglaterra há cinco anos, e agora em sua primeira noite de volta na cidade, era a primeira pessoa de quem ouvia falar. Ele começou a cortar outra fatia de carne.

Casar-se. Bom. Pelo menos ela não tinha ficado sentada em aflição por ele como tinha temido. Não se afligiu absolutamente se encontrou alguém que gostasse o bastante para casar-se. Bastante para compartilhar uma cama.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Payen!"

Com quem estava casando? Algum jovem rico, sem dúvida alguma. Bonito, apostaria. Humano — sem dúvida. E provavelmente um garanhão.

"Payen!"

Ele olhou para cima justo quando seu prato se quebrou. Ele tinha atravessado sua faca diretamente através da louça fina. OH, inferno. Envergonhado, se encontrou com o olhar azul de Lady Verge. "Sinto muito, menina. Não foi intencional."

"Eu diria que é seguro assumir que recorda a Srta. Wynston-Jones depois de tudo."

Um cavalheiro deve recordar as mulheres cujas camas compartilhou, sobretudo as virgens. Especialmente aquelas chamadas Violeta.

"Claro que lembro da moça."

Lady Verge o olhou com um olhar aflito, seus olhos brilhando de forma antinatural, a cútis inglesa rosa pálido. Ele tinha encontrado e gostado do Senhor Verge uns quarenta anos atrás e tinha seguido a amizade até oito anos atrás quando o homem morreu. O inconveniente mais doloroso da imortalidade está em ver os amigos envelhecerem e morrerem. Uma vez, Payen tinha decidido nunca gostar de novo de um humano. Essa resolução não tinha durado mais que dez anos — uma

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

condenação que tomaria muito mais tempo que a maioria dos votos que fez.

Um voto que fez muito a sério foi sua promessa de cuidar de Margaret — Lady Verge — não que ela precisasse de sua ajuda. Ela era um dos poucos humanos que sabiam que era um vampiro. A princípio tinha ficado um pouco assustada dele, e um pouco enfastiada, mas uma vez que compreendeu que ele não era algum demônio não morto, pilhando meninos, e veio a conhecê-lo como pessoa, ela o aceitou como amigo de seu marido, e seu próprio. Payen nunca se incomodou em dizer que era uma parte demônio, pois bebeu de boa vontade de um cálice que continha a essência da Rainha dos Vampiros, Lilith. Ele o havia feito para proteger esse mesmo cálice de outros que o usariam para algum propósito escuro desconhecido, mas isso não trocou o fato que como um "filho" de Lilith tinha sido amaldiçoado a caminhar na escuridão pelo Todo-poderoso. Era uma longa história, como a maioria das boas eram, e ele realmente não queria que esta mulher frequentadora assídua da igreja pensasse que era uma afronta a seu Deus.

"Eu deduzo que não foi convidado para a feliz ocasião?"

"Deve ter se perdido no correio."

"Sim," ela esteve de acordo educadamente. "Acontece, de fato."

O apetite agora perdido, seu prato em ruínas, Payen pôs sua faca e o garfo juntos sobre a louça arruinado e deu leves golpes a sua boca com seu guardanapo branco neve. "O noivo da Srta. Wynston-Jones é um homem bom?"

"É." Malditos todos, isso não simpatizava a seus olhos, por que era? Porque não devia estar ali — não poderia estar ali, se ela soubesse que tinha roubado de Violeta o prêmio noturno que deveria ser de marido nas suas bodas. E ninguém sabia que ele e Violeta tinham compartilhado a cama numa noite gloriosa. Ninguém, mas os dois sabiam.

"Eles tiraram uma fotografia no noivado. Possivelmente depois do jantar gostaria de vê-la?"

Não. Ele preferia comer este prato quebrado. Ou afundar o garfo no branco de seu olho. "Claro."

Depois de uma sobremesa que mal saboreou — poderia ter sido borracha — Payen seguiu sua anfitriã a seu salão — coberto de rendas e pintado em um nauseante e poeirento rosa escuro — e se sentou enquanto ela vertia para ambos uma taça de xerez. Sua mente permanecida enfocada no mesmo tema durante todo o tempo.

Sua Violeta ia casar.

Isso significava que ela não seria mais sua, nunca mais. Supunha-se que fosse uma coisa boa. Era. Era uma sangrenta boa coisa.

Margaret — Ele nunca a chamou de Maggie, ou pior, Peg — se uniu a ele no sofá uns instantes depois com uma taça de xerez que também poderia ser água que causaria o mesmo efeito — e uma fotografia pequena. Apesar da falta de potência do vinho, ele tomou um gole antes de olhar ao porta-retrato.

O preto, branco e cinza não fez nada para capturar o ser de Violeta, ainda assim estava igual. Um chute no peito o teria afetado menos. Em um vestido sóbrio com um decote quadrado e preso nos cotovelos, o cabelo espesso preso em cima de sua cabeça, ela refletia cada polegada como uma moça adequada. Só ele sabia que não havia nada recatado nela, absolutamente nada. Mas onde estava o brilho nos olhos que ele tanto adorou? Por que não estava sorrindo e convertendo suas bochechas em maçãs pequenas que ele amou mordiscar? Ela parecia tão séria, tão amadurecida. Ele podia estar olhando a uma estranha também com cabelo negro, olhos cinzas, e pele cinza pálida, vestida ainda em mais cinza. Esta não era sua Violeta vibrante.

E ele culpou ao homem igualmente descolorido sentado diante dela.

O noivo — ele não sabia o nome do moço sequer, e tampouco queria — era só isso, um moço. Ele poderia estar pelos vinte e cinco anos — só uns anos mais jovem que Payen tinha sido quando bebeu do Graal de Sangue, tomando seu juramento para protegê-lo e ao mundo das forças do mal há mais de sete séculos.

Qualquer um abaixo dos 90 anos era jovem até onde estava interessado. Que era porque não tinha nenhum interesse nos assuntos de Violeta.

"Seu noivo é Rupert Villiers," Margaret comentou com neutralidade forçada. "Bonito, não é?"

Payen deu de ombros, seu olhar nunca deixou a moça cinza na fotografia. "Eu não saberia o gosto atual de beleza." Ele olhava o moço

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

— Villiers — nada mais. Ele tinha um semblante tolerante. "Ele é francês?"

"Céus, não!" Margaret era uma dessas britânicas que retiveram um grande desdém pelos franceses, não importa quantos pratos franceses servisse e moda francesa que levasse. "Sua família é inglesa há muitas gerações."

Payen sorriu, enquanto desfrutava por incitá-la adiante. "Mas foram franceses alguma vez. Do Villiers, eu imaginaria."

Margaret fungou e estendeu sua mão para a fotografia. "Ele é um jovem encantador. Foi a Oxford."

"Igual a mim," Ele respondeu. Seu olhar se fixou na fotografia uma última vez, e quando sua velha amiga tentou tomá-la, seus dedos se apertaram no porta-retrato. A madeira talhada à mão gemeu. "Jesus Cristo."

"Ai!" Margaret agitou sua mão quando Payen tomou a fotografia dela.

Payen a ignorou. Normalmente teria se desculpado imediatamente — ele não era senão cortês — mas o rugido de seu próprio sangue nos ouvidos o roubou de todo pensamento sensato. Ele estava em pé, enquanto olhava fixamente o detalhe diminuto que tinha prendido sua atenção de algum modo.

Ele não o teria visto se Villiers não tivesse escolhido pôr sua mão em cima de um ombro de Violeta.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

No dedo indicador da mão direita do moço tinha um anel. Seu brilho disse a Payen que era cor de prata, mas poderia ser indiferente pelo selo no topo. Se fosse humano provavelmente não poderia ver o detalhe, mas não era humano desde antes que a família Villiers deixara de ser francesa.

O moço levava a marca da Ordem da Palma de Prata. Fazia muito tempo desde que Payen o tinha visto, tanto que no princípio quase não o tinha reconhecido, mas ali estava o aviso — por que se tornou quem era. Um aviso de traições que o enfureciam até agora.

A Palma de Prata se formou de homens que uma vez foram Templários — homens que se supunha mereciam o título de "cavalheiros." Era a Ordem que tinha jurado proteger ao Graal de Sangue, e era a Ordem que tinha traído aos Templários estendendo os rumores horríveis começados pelo Rei Felipe da França. Devido a eles, muitos tinham sofrido injustamente. Jacques de Molay, o último Grande Mestre, foi queimado vivo. Payen tinha perdido muitos amigos e às vezes, ainda sentia velha culpa por ter sobrevivido. O Graal de Sangue desapareceu — sob o amparo de outros agora — mas ainda existia, porque havia feito uma promessa, e enquanto existisse o Graal de Sangue — também existiriam os que o desejavam, e mesmo o menor sinal da Palma de Prata, ele o seguiria.

Tanto tempo. E lhe gelaram os ossos ao ver a evidência do grupo que tinha começado a esperar que não existisse. Seu coração se deteve ao ver um membro dessa ordem sustentar a mão de sua Violeta.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Meu estimado Payen, o que está mal?" Margaret não escondeu sua preocupação, ela nunca o fazia.

Ele a olhou, sabendo que ela esperava sua reação quando lhe disse sobre o matrimônio — e que não lhe tinha dado o que ela queria. "Quando é a cerimônia?"

"Amanhã pela manhã. Eu estarei saindo às oito. Payen? Aonde você vai?"

Deu-lhe a fotografia. Estava com pressa. Tinha que chegar antes da alvorada. Tinha que chegar a tempo de falar com Henry e Liza, os guardiões de Violeta.

"Enviou minhas coisas a Hertford, não foi menina? E não se preocupe em levantar cedo amanhã." Ele sorriu severamente. "Não vai haver nenhuma boda."

* * *

Uma moça deve estar contente na véspera de seu casamento, pensou Violeta Wynston-Jones quando olhou fixamente ao redor do salão de baile lotado da Mansão de Hertford de seu guardião, o Conde de Wolfram. Uma jovem senhorita deve ficar enlevada por todos seus amigos e família se reunirem para dar testemunho em seu casamento com um jovem muito conveniente e bonito.

Então por que não estava contente? Por que estava consumida por esta ansiedade persistente? A resposta era tão óbvia como o desejo em seu peito cada vez que ela olhava fixamente à porta.

Payen não estava ali. Ele não veio. Mesmo que conseguisse chegar a tempo de algum modo, nunca poderia arriscar-se à luz do sol para vê-la casar-se. Ele não a amou o bastante.

A luz do sol matava aos vampiros.

Endireitando seu pescoço — seus ombros muito largos, ela freqüentemente se queixava — ela se obrigou a estar tão ereta como possível, o que com os saltos em seus sapatos e o montão alto de seu cabelo, punha-a perto de 1,80m. Poderosa. Era como seu pai a chamava antes que morresse. Forte. Sólida. Robusta.

Perder muito peso nos últimos dois meses não tinham mudado essa opinião dela. Cada vez que olhava no espelho via uma mulher mais voltada para o trabalho que para a vida de uma senhora. Embora se vestisse na moda em um fino vestido violeta que tinha um corte nas costas unido a seus ombros com um cordão diminuto, justo no tórax e quadris para vultear ao redor de suas pernas em pequenas capas frisadas, caindo atrás em forma de uma delicada cascata, ela ainda se sentia a mesma moça torpe e grande de quando tinha vindo viver com o conde e condessa — Henry e Eliza — depois da morte de seus pais doze anos atrás.

O único tempo que não se sentia como uma menina era quando Payen Carr a olhava, e não tinha posto os olhos nele desde essa noite funesta há cinco anos.

Levando uma taça de champanha aos lábios, ela permitiu seu olhar flutuar sobre o salão de baile até que pousasse na forma alta, agradável

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

do que seria seu marido. Rupert possuía o cabelo espesso, ondulado, olhos azuis luminosos e um sorriso que poderia encantar ao diabo. Ele também tinha senso de humor e uma mente inquisitiva que fazia a conversa com ele agradável. Com um pouco de sorte, seria um desses homens que não diferenciariam uma virgem de um prato quebrado e não notaria que sua noiva não era inocente.

E talvez, depois de cinco anos, seu hímen possivelmente houvesse crescido novamente. Ela tinha ouvido Eliza e alguns de seus amigos falando de brincadeira uma vez sobre semelhante coisa.

Como se dando conta de seu olhar, Rupert se voltou na sua direção. Seu olhar se prendeu ao seu e ele sorriu, enquanto levantava sua própria taça de champanha em uma saudação antes de ter sua atenção requisitada por sua tia, a Senhora Gantley.

"Tem o aspecto de uma noiva matutina," soou uma voz familiar ao seu lado. Era Eliza, a mulher que se tornou uma mãe para ela.

"Tenho?" Violeta tomou um gole de champanha antes que pudesse dizer o resto — algo semelhante como pedir à mulher mais velha que a salvasse de seu destino. Os nervos. Eram os nervos.

"Sim." Como Eliza estava sorrindo, Violeta tomou isto como uma coisa positiva. "Suas bochechas estão coradas, seus olhos luminosos e suas mãos tremendo. Os tremores pré-nupciais."

"Sim, deve ter razão. Sinto-me bastante... ansiosa."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"É tudo muito normal, minha querida." Eliza passou um braço magro ao redor dela. Com 1,50m era diminuta comparada ao físico gigantesco de Violeta, com cabelo loiro brilhante e olhos verdes pálidos.

"Agrada-me ouvir isso." Era normal seguir esperando que o vampiro que roubou seu coração e então a abandonou atravessasse a porta e insistisse que estava cometendo um terrível engano? Era normal esperar que ele a tomasse em seus braços — porque era um homem que poderia carregá-la — e a levasse longe para algum lugar escuro ou ruínas góticas onde ele a tomaria durante uma quinzena antes de fazê-la finalmente sua para sempre? Porque isso não parecia o pensamento normal para uma noiva — não quando o vampiro não era o homem com quem estava a ponto de casar-se.

"Na noite anterior que eu ia me casar com Henry eu tentei fugir," Eliza confessou em um tom misterioso, com um sorriso que dizia que ela se alegrava de não ter tido êxito. "Eu fiz uma corda com minha roupa, amarrei na minha cama e tentei descer pelo balcão."

Violeta se voltou para ela com surpresa, enquanto se aproximava para não ser ouvida por acaso pelos convidados intrometidos. "O que aconteceu?"

Os ombros estreitos se encolheram levemente. "Eu cheguei à grade do jardim. Quem supõe que estava me esperando ali?"

"Seu pai?"

Eliza agitou sua cabeça, os brincos de diamante e esmeralda oscilando com o gesto. "Henry."

"Ele soube que estava fugindo?"

"Não. Ele estava fugindo. E veio dizer adeus." Violeta ficou com a boca aberta, e ela continuou, "Ele não podia aguentar a interferência de sua mãe mais tempo e havia decidido ir para a França nessa noite".

"O que aconteceu? Obviamente se casou." Ela sabia o final, mas o ocorrido nesse lapso a fascinava.

"Nós o fizemos. Compreendemos que estávamos fugindo de nossas famílias e seus planos e expectativas. Escapamos para Gretna Green — eu cresci há umas milhas dali na Cumbria, como você sabe — e voltamos a tempo para nossas bodas inglesas, já casados."

Sorrindo abertamente, Violeta balançou a cabeça. "Por que? Você escapou, por que voltar para a cerimônia no dia seguinte?"

Eliza sorriu amplamente, como uma menina encantada. "Porque devíamos a nossos pais que tinham feito todos os preparativos — mas pudemos estar de pé contra suas ordens como marido e mulher. Saber que já estávamos casados fez que o resto deixasse de importar."

Violeta tinha encontrado aos pais de Eliza — de Henry também — e podia imaginar suas reações. "Sua mãe deve ter querido te colocar na linha."

"Ela quis, mas não havia nada que pudesse fazer. Eu já não era sua responsabilidade."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Elas compartilharam uma risada, e quando Eliza abriu seus braços, Violeta entrou neles sem vacilação, aceitando o abraço e todo o amor que vinham com ele.

"Confie em seu coração, carinho," a mulher mais velha sussurrou em sua orelha. "Nunca te guiará mal."

O bom humor de Violeta murchou, mas fixou um sorriso em seu rosto. Isso era exatamente o que a preocupava. Seu coração estava lhe dizendo para sair desse inferno e correr tão longe quanto pudesse.

Quando Eliza a deixou para voltar a seus deveres de anfitriã, Violeta olhou ao redor mais uma vez, o pânico crescendo em seu peito. Tinha que haver uma maneira de escapar. Uma maneira de sair sem defraudar a todos.

E então, como se Deus a ouvisse e tivesse piedade dela, a porta do salão de baile se abriu. O quarteto de cordas no canto superior deteve sua música, e os bailarinos com ele. Todos voltaram sua atenção ao novo convidado em pé na porta com seu cabelo revolto pelo vento.

O coração de Violeta se deteve frio. "OH não," ela sussurrou, enquanto lançava um olhar descrente ao céu. "Por que tinha que responder esta oração?"

Era Payen, não parecia mais velho pelos cinco anos que passaram quando a tinha deixado. OH seu cabelo estava um pouco diferente — mais curto, possivelmente, mas espesso e dourado. Seus olhos tinham a mesma cor de xerez que ela recordava, seus lábios bonitos e perfeitos, quase femininos. Ele era como um deus — Apollo se tivesse vida. Com

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

mais de 1,80m ele usava um traje de uma maneira que faria os anjos chorarem. Quando ele varreu o salão, a capa negra formando redemoinhos atrás dele, prendeu sua atenção em uma pessoa — ela.

Violeta estremeceu sob a força desse olhar e a intensidade atrás dele. Qualquer que fossem suas razões para estar ali — não eram por sua felicidade, disse ela não tinha nenhuma dúvida.

Eliza e Henry o interceptaram quando estava a alguns passos dela. E Rupert, compreendendo que algo estranho estava em marcha, veio ficar ao seu lado. O salão de baile estava calado, só se escutavam os murmúrios. Quem era ele? O que estava fazendo ali?

"Carr," Henry saudou calorosamente, um pouco cauteloso. "É uma surpresa agradável."

"Eu não estou aqui em visita social, Henry," soou baixo a resposta do vampiro. Ele parecia um rapaz esta noite — um vampiro das sombras mais escuras. E Deus a ajudasse, Violeta lhe permitiria tomá-la ali diante de todos se ele pedisse.

"Nós estamos celebrando, Payen," Eliza disse brandamente. "Possivelmente você não sabe que Violeta se casará amanhã."

Ele lançou um olhar, breve, mas tão eletricamente carregado que Violeta o sentiu até nos dedos de seus pés. "Sei. Vim para detê-lo."

Capítulo 2

O anúncio do Payen causou comoção. Isto era claro que comparado com as Cruzadas, a medida para todas suas confrontações.

"Maldição, Payen!" Esse era Henry. "O que significa isto?"

Eliza se uniu. "Deter as bodas?"

O salão inteiro estava em alvoroço, e o noivo — num pequeno relance Payen não teve outra opção que achá-lo bonito — estava dizendo algo a Violeta, virtualmente gritando em sua orelha.

Violeta não falava. Como ele, era a única pessoa silenciosa no salão. De fato, Violeta não parecia estar escutando seu noivo. Ela estava olhando fixamente Payen, que estava lhe devolvendo o olhar. Ela parecia... esperançosa.

Ela também parecia endemoniadamente bonita, inclusive mais que a moça que ele recordava. Mais que a moça descolorida da fotografia.

Tão alta. Com esses sapatos e essa massa de cabelo sobre ela era quase tão alta quanto ele. Ela tinha perdido peso, mas isso só chamou mais atenção à liberdade magnífica de seus peitos, mostrados deliciosamente pelo decote quadrado de um vestido com a cor de seu nome. Ela era como a deusa Juno feita mulher — uma verdadeira Amazona. Seu rosto, só um pouco arredondado para ser um ovalado perfeito, era a composição mais fascinante de rasgos — largos, os olhos avelã, as maçãs do rosto altas como maçãs quando sorria, o nariz um

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

pouco fino, ligeiramente inclinado, e lábios doces como bagos que pareciam se desenhar para curvar naturalmente em um sorriso.

Ela não estava sorridente de fato.

"Por que você quer deter minhas bodas, Sr. Carr?" Sua voz suave era o bastante para querer se ajoelhar e lhe prometer a lua.

Centenas de razões vieram à sua mente, mas só uma importava nesse momento. Ele levantou um dedo e apontou ao Villiers. "Ele é um feto de Satanás." Não precisamente exato, mas não tinha tempo para os detalhes.

Um estertor coletivo encheu o salão. A mandíbula de Violeta caiu e Henry se coloriu como um viço de genebra no nariz de um bêbado. "Você se esquece de si mesmo, senhor!"

Henry só o chamava "senhor" quando estava altamente incomodado. Payen dirigiu-lhe um olhar inexpressivo. "Eu o asseguro, meu estimado Senhor Wolfram, não me esqueci de nada."

Seu amigo franziu o cenho, compreendendo então que ele estava mortalmente sério.

"Eu não sei quem é, Villiers o enfrentou, se pondo diante de Violeta para defendê-la. "Mas é afortunado, senhor, que os duelos sejam ilegais."

Payen jogou ao descarado um olhar aborrecido. "De fato. Eu odeio derramar sangue."

O significado mais profundo de suas palavras não escapou a Violeta cujos olhos alargaram quando ela se colocou entre Villiers e ele. Villiers, enquanto isso ia do carmesim a um escarlate rico. "Você não me conhece, ainda assim me insulta."

"Sim, isso me desmerece." Payen esboçou uma inclinação. "Payen Carr, Sr. Villiers." Ele estendeu a mão e agarrou a mão do outro homem, elevando-a para a luz enquanto o outro tentava puxá-la de volta. "E isto é um insulto a mim." Ele teve o cuidado de não tocar a prata que queimaria sua carne como uma chama acesa.

Villiers franziu o cenho para o selo em seu dedo. "Meu anel o insulta?"

"Eu me aborreço pelo que simboliza, e por aqueles que o apóiam."

Henry, possivelmente o único que recordou que tinham um público, interpôs-se entre eles, enquanto rompia o forte aperto em que Payen tinha posto Villiers. "Senhores, possivelmente devemos discutir isto em um lugar mais privado."

Uma risada saiu da garganta de Villiers. "Meu senhor, certamente não acredita neste louco?"

Henry enviou um olhar austero ao moço. "Meu escritório. Agora."

Payen, Eliza, Violeta, e Villiers foram atrás dele. Payen não se sentia bem andando com o discípulo da Palma de Prata atrás dele, mas confiou

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

que o bastardo não se arriscaria a expor-se tentando causar dano corporal ao Payen.

Ele caminhou ao lado de Eliza, enquanto ignorava os fixos olhares curiosos e cochichos quando cortaram através da multidão. Ele olhou ao redor do salão de baile em troca, notando a cor salmão das paredes e o bom estado da pintura. "Você redecorou," ele comentou ausentemente.

"Sim," Eliza respondeu. "Faz dois anos."

"Eu gosto. Muito mais simples para os olhos que o azul horrível que tinha antes quando estive aqui."

"Você tem muito coragem retornando desta maneira, meu amigo," ela murmurou exclusivamente para seus ouvidos.

"Ela não pode casar-se, Eliza." Ele pode ver a luz sobressaltada em seus olhos quando entendeu o que ele quis dizer — e que ele faria tudo em seu poder para impedir as bodas.

"OH querido."

Detrás deles, Payen podia ouvir Violeta e o descarado falando. Suas vozes eram baixas, mas não tão baixas que ele não pudesse ouvir — ouvido seletivo era uma das vantagens extras do vampirismo. Na maioria do tempo ele podia deixar o mundo de fora, mas quando queria, podia ouvir ratos correndo no apartamento de cobertura.

"Quem é este idiota?" Villiers exigiu.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Ele é um amigo de Henry," Violeta respondeu. Payen poderia ter sorrido por seu tom defensivo, não fosse o fato que ela não tinha sustentado ao "idiota" no comentário.

"O que é seu?" Ahh, agora isto era interessante. Villiers era ciumento — e não tão calado como parecia, obviamente. Mas Payen sabia que parecer mudo não excluía um homem de ser perigoso.

Violeta suspirou. "Agora mesmo, não estou segura."

Bastante formoso. Depois de tudo ele a tinha tomado e logo saiu de sua vida há cinco anos e nunca tentou entrar em contato, mas isso não o impediu de aguardar ansioso sua resposta. Uma parte dele esperava que soubesse que ele se motivou por nada mais que um desejo de protegê-la. Ele preferia sair no meio do Hyde Park em uma tarde de domingo e fritar como um ovo que vê-la influenciada pela Ordem da Palma de Prata, um grupo que não hesitaria em destruir uma coisa doce como ela.

Henry os levou abaixo, num canto da parte detrás da casa onde mantinha seu escritório. Faz anos, quando Henry e Eliza tinham esta casa apenas para eles, Payen tinha batizado esse quarto de santuário do Henry. Estava longe da sala de jantar e do quarto de desenho que sua esposa gostava de usar para entreter-se, e era grande o bastante para conter uma mesa de bilhar, um sofá e várias cadeiras, uma mesa de canto, e uma mesa de carvalho maciço. Este quarto, notou agradavelmente, não tinha sido redecorado.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

E então, claro, se perguntou inapropriadamente se Violeta tinha mudado algo em seu quarto, e se ainda tinha a recatada camisola que vestia docemente, na quente noite.

Perto dela, com seu aroma inundando-o como perfume de lilás, era difícil manter a lembrança dessa noite longe. As imagens dos dois entrelaçados, desesperados e úmidos, a oferta e tremor, alagaram sua mente. Suas gengivas tiveram comichão quando as presas se prepararam para estender-se, o impulso de alimentar-se era quase tão forte como o impulso por copular. Ele havia feito os dois com Violeta, o que só afiou ambos os apetites ainda mais.

Uma vez dentro do escritório, cada um deles se moveu ao redor de Payen até que ele estivesse de pé no centro de um círculo, e as perguntas começaram.

"Que demônios, como entra em minha casa e causa semelhante cena?" Henry exigiu. "Que diabos, Payen! Esperava mais de você."

Payen lhe deu uma inclinação rápida. "Você tem razão em ter tais expectativas. Eu não teria vindo absolutamente se não fosse importante." Era sua imaginação, ou viu a careta de dor de Violeta pelo canto de seu olho?

"Possivelmente deva se explicar," Eliza sugeriu, quando ninguém mais pareceu inclinado a falar. Eles só estavam ali de pé, olhando-o fixamente com graus variados de curiosidade e antagonismo.

Payen se enfocou em Henry que conhecia desde que era um bebê. Payen tinha sido amigo de seus pais, e de seu avô antes disso. Faz muito

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

tempo, um Rexley — nome da família de Henry — foi Templário igual a Payen, e tinham sido amigos. Essa relação tinha levado a uma conexão com a família que seguia desde então a cada geração. Os Rexleys eram as únicas pessoas a que ele se revelou, salvo uns poucos outros durante décadas inumeráveis.

Stephen Rexley foi morto por um homem que levava um anel como o da mão do Villiers.

Recordar isso fez fácil para o Payen olhar Henry nos olhos quando inclinou sua cabeça na direção do Villiers. "Ele pertence à Ordem da Palma de Prata."

Quando entendeu a cor deixou as bochechas de Henry. "Está seguro?"

"Seu anel o demonstra."

"Que demônios está dizendo?" Villiers exigiu, enquanto rompia o círculo avançando vários passos zangados. "Como sabe sobre a Ordem? E qual é seu problema se eu pertencer?"

Payen voltou sua cabeça, enquanto se detinha no mortício jovem com um simples olhar. "Eu sei mais sobre a Palma de Prata que você. Foram essas pessoas que ajudaram a alimentar a desconfiança do Rei Philip contra os Templários. A Ordem esteve envolta em cada evento sinistro conhecido e dirigido desde que Judas traiu a Cristo."

Villiers o olhou fixamente, os olhos azuis arregalados com medo e contrariedade. Como poderia parecer tão inocente e levar aquele anel?

"Você pensa que Violeta não deve casar-se comigo por algo que ocorreu faz mais de cinco séculos?"

De Molay se queimou.

"Seis," Payen corrigiu. "O décimo terceiro dia de outubro no ano de nosso Senhor de trezentos e sete." Ele o recordou como se fosse um par de anos. "E não. Eu não lhe permitirei casar com Violeta porque você é parte de uma organização vil que deveria ter morrido faz muito tempo e não mais existir."

Se Villiers não se tinha zangado antes, ele o fez certamente agora. Payen pode cheirar seu medo, sua aversão. Havia irritação ali como também — desafio.

"Está indo muito longe, senhor. Com quem Violeta se case não é sua decisão, e não há nada vil sobre a Ordem. Eu explicaria isso a você se não tivesse jurado segredo por nossas leis antigas. Cada varão em minha família por gerações foi um membro, e nenhum deles quebrou qualquer lei alguma vez ou traiu qualquer confiança."

Sorriu friamente para Payen. "Não a outros membros de todos os modos. Mas sua riqueza familiar se corrompe pelo sangue de homens bons, Sr. Villiers. Homens que foram assassinados para que sua preciosa Ordem pudesse crescer."

Villiers voltou sua atenção de Payen para Henry e Eliza, então a Violeta. "Vocês três não podem acreditar nisto."

"Não de você, Rupert," Eliza disse brandamente.

"Mas de minha família?" Ele empurrou suas mãos através de seu cabelo, enquanto ria quase histericamente. "Eu não posso acreditar nisto! Vi, não acredita certo?"

Ela o olhou fixamente. "Eu não quero Rupert, mas sei que o Sr. Carr tem razões por sentir-se assim, e se você pertence a semelhante grupo desprezível..."

"Desprezível? Deus bom escute a si mesma! Você julgaria como tal uma ordem da qual nada sabe? Uma ordem a que eu, o homem que se supõe que ama, pertence?" Suas mãos se colocaram sobre seus ombros. "Eu nunca machucaria ninguém. Você sabe."

Ela cabeceou. "Sei."

Payen olhou a confusão e indecisão em seus traços. Ele odiou fazer isto a ela. Qualquer satisfação que veio de impedir seu matrimônio com este bastardo se dissolveu sentindo sua dor. Ele soube então que Villiers ia pressioná-la, e que cederia por culpa. Então, o que teria que fazer — levá-la para longe? Porque ele o faria, se isso acontecesse.

Tempo para mais medidas furtivas.

"Violeta alguma vez lhe contou sobre mim?" ele perguntou, seu tom educado — sociável inclusive.

Villiers franziu o cenho. "Não."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Humm. Isso me surpreende." Violeta agitou sua cabeça para ele, o rosto pálido quando compreendeu exatamente o que ia fazer. Ele esperou que ela pudesse ver o pesar em seu olhar.

"Por que o surpreenderia?" O homem mais jovem não podia manter afastado o sorriso de desprezo de sua voz ou seu rosto. "Eu não vejo como você tenha qualquer importância."

Imbecil. "Mas tenho," Payen lhe informou, erguendo seus ombros. "Como verá, há cinco anos, Violeta me deu um presente maravilhoso."

Violeta apertou uma mão em seus lábios. "Payen, não."

Villiers deu outro passo para ele, enquanto ainda franzia o cenho. "Por que devo me preocupar?"

Payen sorriu severamente. "Porque o presente que ela me deu, Sr. Villiers, era seu coração. Assim sendo, Violeta não pode casar-se porque está apaixonada por mim."

* * *

Ela poderia matá-lo. Poderia alguém lhe dar uma espada para que ela pudesse lhe tirar sua cabeça de seus divinos ombros largos.

Em troca, Violeta foi obrigada a ficar ali em pé, impotente e humilhada quando seu noivo e seus guardiões a olharam fixamente. E Payen, ela notou, não estava tão seguro de si mesmo depois de tudo. De fato, parecia envergonhado, mas bem. Ele devia, o bastardo. Claro,

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

poderia ter sido muito pior. Ele poderia mencionar no assunto que isso envolvia sua virgindade.

Por que de todas as razões tinha que ser a Ordem da Palma de Prata? Ela tinha ouvido o bastante para saber por que ele os odiava e estava de acordo que tinha razão, mas por que isso tinha que ser a base para a objeção a seu matrimônio? Por que ele não poderia confessar amor eterno por ela em lugar de lhe recordar como ela tinha declarado seus sentimentos para ele naquela noite? Ele sabia que foi o único homem que tinha amado tanto para entregar-se? Ele era tão tolo que não poderia ver que ainda o amava?

"É verdade?" Rupert exigiu sua voz rouca, seu rosto branco.

Ela o olhou fixamente desamparada antes de voltar o olhar para Eliza e Henry. Henry parecia querer assassinar alegremente ao Payen se pudesse. Também era mau que o vampiro pudesse acabar com os quatro e inclusive não parar nem para descansar.

"Vamos," Eliza disse enquanto dirigia um olhar a Payen e a seu marido. "Vamos deixar Violeta e Rupert conversarem sozinhos."

"Eu não a deixarei com ele," Payen grunhiu. "De nenhuma maldita forma."

A mulher loira pequena o encarou. Brandamente, para que só ele e Violeta ouvissem, ela murmurou, "Fará o que digo Payen Carr, ou me assegurarei que as cortinas de seu quarto se abram antes do meio-dia."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

A mandíbula de Payen se apertou, e os lábios perfeitos se apertaram, mas ele não discutiu. Disparou um último olhar depreciativo ao Rupert antes de seguir Henry e Eliza à porta. Violeta não sentia um pingo de dor por ele pela confrontação que estava a ponto de ter com seus pais adotivos.

Ela, entretanto, sentia uma grande pena por si mesma.

A porta estalou quando fechou, deixando-a sós com seu noivo, um homem maravilhoso que nunca quis ferir. Um homem cuja atenção ela se havia sentido afortunada por ter, e se fosse honesta, não podia acreditar que Payen a achasse atraente também.

Rupert ergueu o olhar de seus sapatos que ele parecia ter estado apreciando. Seu cabelo estava desganhado e seus olhos luminosos com a desilusão e dor. Antes ela o tinha achado bonito, agora se parecia simplesmente um moço. Bonito não significava nada depois que Payen tinha arrasado com sua beleza.

"Eu não o mereço," ela disse brandamente, não só porque era verdade, mas porque era tudo o que poderia pensar em dizer.

"É verdade?" Ele exigiu, unindo as sobrancelhas. "Ama-o?"

Ela duvidou, e soube por sua expressão que não deveria. Ele soube que havia mais agora. "Fiz-o." Pronto.

"Você...fez amor com ele?"

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Essa frase a fez querer rir bobamente. Fazer amor? Ela tinha pensado que sim no momento, mas o que havia feito com Payen tinha sido ao mesmo tempo cru e doce, tão mau e ainda tão correto. Não era nada tão corriqueiro como fazer amor — amor que já tinha sido desejado antes que ela o permitisse em sua cama.

Ela poderia mentir lhe dizer o que ele queria ouvir, mas isso não seria justo com ele. Ela tinha procurado algo para escapar e agora tinha. Era tempo para ser adulta e enfrentar seus erros — encarar o homem e dizer que se enganou. "Sim."

Rupert fechou seus olhos, mas não sem antes ela ver a angústia neles. "Por que não me disse isso?"

"Eu não pensei que fosse seu assunto." Possivelmente isso era muito pouco honesto.

"Não era meu assunto?" A irritação substituiu a ferida, enquanto aliviava a culpa que furava seu peito. "Como não era meu assunto minha noiva ter aberto suas pernas para outro homem?"

Este era um lado dele que nunca tinha visto antes. Fê-lo mais fácil para ela, e se aproveitou disso, tão vergonhoso como era. "Tenho perguntado se esteve com outras mulheres?"

Ele parecia afrontado. "Isso é diferente."

"Porque é um homem?"

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Claro. Espera-se que os homens sejam experientes, assim como se supõe que uma esposa seja virgem para assegurar a legitimidade do primeiro filho."

Violeta riu. Realmente não podia fazer outra coisa — era tão ridículo. "Faz cinco anos, Rupert. Penso que você pode reconhecer qualquer menino certamente como seu."

Seu rosto era uma máscara de aversão. "Sem a garantia que você não esteve com mais alguém antes ou depois de nossos votos."

Ele tinha direito a estar zangado, Violeta sabia e aceitava isso, mas não o deixaria falar de semelhante maneira. Não deixaria que o que tinha compartilhado com Payen se transformasse num defeito de caráter.

"Sim," ela concordou. "Possivelmente deve assegurar-se que eu não o tenha feito com o sacerdote — ou melhor ainda, com seus padrinhos."

Ele esvaziou. "Uma dama não usa tal linguagem."

"Você já estabeleceu que não sou nenhuma dama, Rupert, pelo menos não a seus olhos. Eu cometi um engano juvenil e você me castiga por ele, apesar do fato que sei que esteve nesse bordel, Maison Rouge, todo o tempo que esteve em Londres."

Sua boca se abriu. "Como sabe...?"

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Eu ouvi por acaso seus amigos Halpert e Gibbs falando sobre isso na noite que fomos ao teatro. Eu te perdoei porque pensei que merecia uma última indiscrição antes de se estabelecer. Diga-me, como tê-lo feito com uma prostituta te faz melhor que eu?"

Sua boca trabalhou, mas nenhum som saiu. Ele lançou um olhar ao redor do quarto, como um homem se afogando buscando algo ao que se agarrar.

"Não o faz," ela respondeu quando ele permaneceu calado. Qualquer culpa que sentia se foi agora. Ela não tinha esperado seu perdão, nem sua compreensão, mas por Deus, não toleraria este tipo de tratamento — não de um homem que clamava amor por ela quando pediu sua mão em casamento.

Se ele a tivesse amado, a teria seduzido em lugar de ir a um bordel. Se a tivesse amado, nunca teria ido absolutamente a uma prostituta.

Payen nunca haveria feito semelhante coisa. Ele tinha suas falhas, mas falta de lealdade não era nenhuma delas. Depois de tudo, tinha destruído seu compromisso pela necessidade arcaica de protegê-la. Tão zangada como estava com ele, porque a feriu e iludiu, também lhe agradecia.

"Eu penso que deve sair agora, Rupert." Deu-lhe as costas, ela estava de pé e apesar disso, não notava que era tão alta quanto ele, não dando atenção a como se parecia ou tão grande era. Mesmo que esta fosse a única oportunidade que tinha na vida ao matrimônio, não a pediria a este homem.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Ela poderia não ser perfeita, e tinha muitas falhas — mas merecia ser respeitada por seu marido. Ela merecia amor, lealdade e compaixão. Não era menos do que daria.

Ele parecia como se estivesse a ponto de falar, e ela tinha ouvido o bastante. "Eu direi a nossos convidados que as bodas foram canceladas e farei que todos os presentes sejam devolvidos, não precisa preocupar-se. E os sanduíches serão dados aos menos afortunado do povo."

"Tem tudo resolvido já." Seu tom era uma mescla de ceticismo, dor e desprezo.

"Suponho que estive tendo-o em conta nestes últimos dias." lhe permitindo remoer isso.

Ele não disfarçou o assombro — seu rosto lhe deu pelo menos um pouco de satisfação diante da culpa que ameaçava esmagá-la uma vez mais. Terminar seu compromisso era o melhor para ambos.

"Eu não tinha que aceitar sua proposta em primeiro lugar," lhe disse. "E sinto verdadeiramente por isso, mas por nada eu poderia fazê-lo agora — algo acontece entre eu e Payen — e me nego a me desculpar, a ti ou a qualquer um. Você sabe o caminho da saída."

E então ela girou sobre seus saltos e saiu do quarto com toda a dignidade que podia.. Não era muita, mas a indignação e certa quantidade de alívio a incitaram.

Agora ia encontrar Payen e ter um pequeno bate-papo, porque se esse vampiro pensava que podia voltar para sua vida, arruiná-la, e logo afastar-se de novo ele teria uma grande surpresa.

Não lhe permitiria afastar-se. Não desta vez.

Capítulo 3

Henry e Eliza foram duros com ele, mas não mais do que esperava. Sem ter em conta sua amizade com ambos, tinha estragado o casamento de sua protegida e possivelmente sua reputação. Isso foi o que ele fez de mal, e o faria de novo se pudesse.

Tudo que tinha que fazer agora era enfocar-se daqui em diante e não exceder-se muito revivendo sobre como a declaração de Violeta o tinha apavorado e estremecido cinco anos antes. E como tinha aceso um fogo sob seus pés. Ele a tinha seduzido e a tinha deixado.

Maldição, ela o tinha seduzido.

O conde e sua condessa entenderam sua motivação pelo menos. Eles sabiam de Stephen Rexley — um homem que tinha sido o melhor amigo de Payen antes de sua morte. Eles conheciam a natureza vil da Ordem da Palma de Prata e entendiam que Payen não queria ver Violeta enlaçada a semelhante grupo. O que eles não entendiam é como alguém tão "bom" como Rupert Villiers podia ser parte de semelhante organização.

Pessoalmente, ao Payen não preocupava, mas ele ofereceu uma sugestão para aliviar suas mentes — ele não era totalmente insensível. "A conexão familiar pode o ter colocado dentro deles sem que quisesse

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

por si mesmo," lhes disse. "Mas agora que é membro, terá que passar por provas e ensaios de um iniciado. Eles quererão saber do que é capaz, ou se não é digno de ser um verdadeiro Discípulo."

"Há esperança então para ele." Eliza não se incomodou em disfarçar sua própria esperança. "Ele pode não ser o patife acredita que é."

Payen lhe lançou um olhar afiado. "Você está disposta a apostar a vida de Violeta que ele se manterá inocente?"

Ela franziu o cenho, parecia-se com seu marido. "Mas..."

Payen não cedeu. "Para ele ter recebido um anel apoiado exclusivamente no nome, sua família deve estar muito envolta Eliza. Eles não deixariam Villiers entrar a menos que estivessem seguros que adotaria suas tradições e faria o que eles querem."

"Passaram-se séculos, Payen," Henry tentou raciocinar com ele. "Certamente a Ordem que existe hoje é diferente da que você enfrentou."

Ele tinha que obrigar-se a permanecer tranquilo, recordar de onde provinha sua dúvida. Eles não estavam tentando lutar intencionalmente com ele, simplesmente queriam que tudo se resolvesse.

"Se eu entrasse agora mesmo em suas reuniões e anunciasse o que sou — Templário ou vampiro, teria sorte de sair vivo. E qualquer um ligado a mim estaria em perigo."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Algo faiscou nos olhos do Henry. "Você suspeita que Villiers interessou-se por Violeta devido a você?"

"Meu Deus," Eliza respirou, enquanto apertava sua palma no peito de seu vestido de seda verde. "Isto não pode estar acontecendo."

Payen deu de ombros. Realmente não tinha pensado nisso, mas agora que a idéia estava em sua cabeça... "É possível. Ele perguntou alguma vez por mim?"

"Não," Henry respondeu. "Até hoje imagino que nunca ouviu falar de você." Sua expressão ficou incômoda, inclusive culpada. "Violeta estava tão desolada depois que você a deixou que nós nos habituamos a não mencioná-lo diante dela."

O olhar de Eliza estava mais furioso que o de seu marido. Sem dúvida ela supôs que Violeta não teria declarado seu amor a menos que a provocassem. "Suponho que sabemos agora por que ela estava tão desolada, não é certo? Como pôde Payen?"

"Sim," veio uma voz por trás dele. "Como pôde?"

Ele tinha ouvido abrir porta, claro. Ouviu as pisadas suaves e curtas, respirações zangadas. Permitiu-lhe fazer sua entrada, permitiu-lhe pensar que ela o surpreendeu.

Ele se voltou, arqueou sua testa, seu rosto perfeitamente composto. Ainda assim, a visão de suas bochechas carmesim, seus olhos reluzindo, levou sua respiração. Ela parecia como se pudesse atravessá-lo

alegremente — e se tivesse uma espada estaria tentado a dar-lhe só para vê-la tentá-lo.

As mulheres com armas sempre tinham sido sua debilidade.

Seus olhares se encontraram e travaram, e parecia a Payen que faíscas dançavam entre eles literalmente. Ele sorriu abertamente. "Por que demorou tanto?"

Não lhe devolveu o sorriso. De fato, seus olhos se estreitaram quando o olhou. "Eu tinha um casamento para cancelar." Tentou tirar o sorriso de seu rosto, mas não o fez totalmente.

Eliza disse algo em simpatia, mas Payen não estava escutando. Ele manteve sua atenção enfocada na Amazona diante ele, notando a suavidade de suas bochechas, as curvas luxuriantes de seus peitos que empurravam contra o decote de seu vestido. Para ele, Violeta era como um pêssago amadurecido, suculento que roga simplesmente ser pego, mordido e sugado.

Saber que impediu Villiers de ser o homem que faria isso, não o molestou nem um pouco, maldição. Saber que poderia ter machucado o coração de Violeta... bem, essa era outra questão.

"Eu penso que Violeta quer me falar a sós," ele disse, enquanto inclinava a cabeça na direção de seus amigos. Seu olhar nunca deixou a mulher cujo toque freqüentou seus sonhos.

"Eu não vou deixá-la a sós com você." A voz de Eliza o cercou com convicção. "Não depois do que fez."

Para surpresa de Payen, foi ela quem se interpôs. Ela virou seu olhar de avelã para sua mãe adotiva e disse, bastante serenamente, "Esta bem, Eliza. Eu gostaria de falar com Payen a sós."

Ignorando Henry e Eliza, Payen estudou cuidadosamente Violeta enquanto sua atenção flutuava para ele. Havia uma confiança nela que não estava ali antes — não era sua aparência física, mas algo interno. Ela não era pequena e tímida como seu homônimo. O orgulho esquentou dentro dele. Havia mulher semelhante a Violeta? Como moça ela o tinha cativado e seduzido. Tal como recordava cada vez que ela retornava. E agora, como mulher, ela o tinha disposto a cair de joelhos diante ela.

Quando a porta fechou por trás de seus guardiões, ela levantou o queixo, seu olhar que se prendendo uma vez mais. "Eu deveria te desprezar pelo que me fez."

Ele cabeceou. "Sim."

"Você deliberadamente traiu um momento privado — uma declaração privada — entre eu e você só para atingir seu objetivo."

Um momento que ele nunca se esqueceria. "Sim."

"Estragou minhas bodas."

Ele realmente precisava responder mais destas perguntas retóricas? Ele endireitou seus ombros. "Não espere que me desculpe, porque não o sinto."

Seu rosto abrandou. "Obrigado."

Payen pestanejou. Agitou sua cabeça. "Desculpe?"

Violeta virou para ele, os punhos frouxos ao seu lado. "Obrigado por fazer o que não tive coragem de fazer." Ela sorriu tão alegremente — docemente. "Você sempre foi meu cavaleiro de armadura brilhante."

E então a coisa mais estranha passou. Em lugar de exigir saber o que isso significava — por que não queria casar-se com Villiers (estava o bastardo forçando-a ao matrimônio?) — Payen deu um passo adiante, empurrado por uma mão invisível. Violeta também e logo ela estava em seu abraço, seus braços se envolveram ao redor de seus ombros, os dedos em seu cabelo e seus lábios nos dela.

Cristo, ela era tão doce. Seus lábios eram tão flexíveis, tão luxuriantes sob os seus quando se abriram para ele sem adulação. Sua língua se encontrou com a dela com uma paixão que o agitou. Nenhuma mulher tinha respondido alguma vez a ele como Violeta — nenhuma mulher tinha tirado tal resposta dele. Estava realmente duro, preparado para tomá-la ali, de pé no meio do escritório de seu amigo. Ele poderia fazê-lo, suportando todo seu peso quando ela envolvesse essas pernas fortes ao redor de sua cintura, sustentá-la-ia quando escorregasse sobre a longitude de seu membro.

Ele gemeu no calor úmido de sua boca, e envolveu seus braços mais apertados ao redor dela. Ela não se esforçou, não choramingou de desconforto. De fato, ela puxou seu cabelo, agarrada no seu ombro, enquanto cavando seus dedos na malha de sua jaqueta até que ele sentisse os cinco pontos de pressão em sua pele. Tão forte, sua Violeta.

Ele ergueu sua cabeça o bastante para mordiscar seu lábio cheio. Suas presas se estenderam parcialmente, ávido por uma pequena dentada. Ele ignorou essa fome agora. A presença de Violeta o embriagava neste momento, era mais homem que vampiro.

"Senti saudades," ele se ouviu confessar, ofegante e rouco contra seus lábios. "Vi, senti muitas saudades, maldição."

Ela se jogou para trás, enquanto sorria para ele. Por um segundo ele pensou que ela poderia zombar dos seus sentimentos, mas não o fez. Então pensou que possivelmente ela ia empurrar seu joelho entre suas pernas, mas também não fez isso.

Ela também parecia surpresa por suas palavras, "Você não veio aqui devido a Rupert e a Palma de Prata."

"Não?" Ele questionou silenciosamente, ainda pensando com um órgão muito mais baixo que seu cérebro.

Seu sorriso cresceu. "Essa foi simplesmente a desculpa que necessitava para deter meu matrimônio. Pergunte-se Payen, por que precisava fazer isso? Então, possivelmente eu te perdoe por me fazer esperar cinco anos."

"Violeta — "

Ela o interrompeu, empurrando-o longe, e ele o permitiu. "Minta-se o quanto quiser, mas depois de todo este tempo, não tente mentir para mim. Deve-me ao menos isso."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

E então o deixou de pé ali, duro e vítreo, sentindo-se um idiota.

Porque ela tinha razão.

* * *

Payen Carr estava apaixonado por ela, Violeta tinha certeza disso.

O que não estava tão certa era se Payen o sabia. OH, ele tinha reagido a ela de todas as maneiras corretas, mas não tinha nenhuma dúvida que ele de verdade tinha destruído suas bodas fora do ódio pela Palma de Prata.

"Idiota," ela disse alto, enquanto quebrava o silêncio pondo um presente belamente envolto em um monte de outros a serem devolvidos.

Sua amiga, Sarah a olhou com surpresa. "O que é isso?"

Elas tinham estado trabalhando toda a manhã, pondo etiquetas nos presentes para que os lacaios soubessem onde entregá-los, e ordenando-os segundo a situação. Os de Londres, e os mais longínquos no estrangeiro, teriam que ser devolvidos pelo correio, claro.

"Eu disse idiota." Violeta abriu um sorriso firme.

Sarah pestanejou, os grandes olhos azuis desconcertados. "Alguma razão em particular?"

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Porque os homens são lixo." Ela apontou um endereço em uma etiqueta. "Sabe que Rupert realmente se aborreceu pelo Payen? Está bem ele ir a um bordel, mas uma indiscrição e eu sou uma prostituta."

Os cachos loiros de Sarah se inclinaram quando ponderou a declaração. "Idiota," ela chiou, enquanto desenhava uma risada pelas duas.

"Você o lamenta?" Sua amiga perguntou depois que sua risada murchou.

"Lamentar o que? Me livrar de Rupert?" Violeta prendeu outra etiqueta. "Não, não o faço." Ela não o fazia. Não ia admitir que queria escapar das bodas, porque isso era muito frio, e ainda uma boa amiga como Sarah não poderia entender, mas ela não tinha os sentimentos feridos depois de mostrar a Rupert a porta após o que lhe havia dito ontem à noite.

"Não." Sarah baixou a voz, como se alguém pudesse ouvir por acaso. "Se lamenta por ter... intimado com o Sr. Carr?" Claro que ela sabia. Violeta tinha chorado em seu ombro depois que Payen a deixou.

Violeta se acalmou, considerado a resposta que tinha na ponta de sua língua. "Nada." sentia-se bem admiti-lo a alguém mais que a ela. "Eu tentei pensar nele como um erro, mas agora penso que foi a única coisa correta que fiz na vida. A única coisa que fiz na vida de verdade por mim, sem considerar ninguém mais."

Sua amiga suspirou, enquanto descansava seu cotovelo em um presente envolto num grande floral — e envolvia seu queixo na mão. "O

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Sr. Carr é tão encantador." Ela arqueou a sobrancelha. "Ele é tão encantador nu?"

"Encantador," Violeta respondeu sarcástica e riram uma vez mais.

Passaram uns momentos mais no cômodo silêncio enquanto as duas trabalhavam. Em alguma parte na casa um relógio tocou a hora.

"As dez." Violeta elevou a cabeça quando a última nota murchou. "Nós voltaríamos agora da igreja." Apesar de sua certeza que era bom que seu compromisso tivesse acabado antes desta hora, ela não poderia deixar de sentir uma pontada de dor pela perda do dia de suas bodas.

E todos estes presentes.

Sarah fungou quando saiu na manhã cinza e nublada. "Ora. Não é um dia muito alegre para bodas. Embora, teria sido muito mais romântico se o Sr. Carr se intrometesse durante a cerimônia ao invés da festa de ontem à noite."

Ficaria mais iluminado também, pois Payen estalaria em chamas de dia.

"Suponho, mas então Payen me teria humilhado diante do Vigário Carlson e todos os convidados."

Sarah lhe disparou um olhar interessado. "Pelo menos ele esperou até que estivessem só os cinco para fazer semelhante anúncio."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Sim," ela murmurou, mas não tinha ilusão a respeito do que teria acontecido se a situação não tivesse seguido esse rumo em particular. "Payen o teria anunciado diante de todos se significava deter Rupert e eu de nos casar."

Maldito homem, ela não sabia se queria beijá-lo ou matá-lo.

Um suspiro flutuou pelo quarto. "Ele deve amá-la muito."

Violeta cabeceou. "Eu penso que sim, mas ele negaria se eu perguntasse."

"Por quê?"

"Afirma que impediu o matrimônio por algo que soube sobre Rupert."

O nariz de Sarah enrugou. "Eu não posso imaginar Rupert fazendo algo na vida tão excitante que o envolvesse em um escândalo — antes é claro."

"Claro." Os lábios de Violeta se curvaram. "Eu não posso discutir os detalhes — apesar de tudo, não sei se a informação de Payen é verdade, e isso é preocupação do Rupert, não minha. Não mais."

"Mas ainda, o Sr. Carr deve preocupar-se com você se foi a tais extremos."

"Eu espero isso."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Se casará com ele?"

"Ele não me pediu."

"Mas se o fizesse?"

Sorridente, Violeta ainda punha outro pacote de lado. "Se pedisse, eu diria sim."

Um som exuberante de risada saiu da garganta de Sarah, iluminando seus olhos e bochechas quando aplaudiu com deleite. "Que maravilhoso! Pensa que ele o quer?"

Seu sorriso murchou. Violeta tentou com muito esforço não mentir a si mesma e não estava a ponto de começar agora. "Não."

Toda a alegria abandonou o rosto de Sarah. "OH, Violeta."

"Não tema, querida. Eu não sou muita orgulhosa para lhe pedir." Isso devolveu a luz aos olhos de sua amiga. Não queria ver piedade em sua expressão — não de Sarah para ela. Não quando ela teve dois pares maravilhosos de pais, fortuna própria e amigos que a amavam. Sarah não tinha tantas criaturas para confortá-la como ela, e ainda nunca se queixou. Ela nunca comparou suas circunstâncias. Ela simplesmente se apresentou no porta um dia quando Violeta chegou a Hertford, e perguntou se Violeta seria seu amiga. Violeta tinha lançado um olhar à pequena moça que tinha uma cabeça a menos que ela e pensado que sim, ela o seria.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Você o faria, não é?" como sempre, Sarah nunca parecia saber se Violeta estava brincando ou não. "Pediria?"

Violeta cabeceou. "Fá-lo-ia." E ela o forçaria — se pudesse tomar coragem. Ela soube por Henry que Payen ficaria alguns dias — algo sobre querer assegurar-se que não haveria nenhuma repercussão negativa da Palma de Prata. Sua presença adicionaria mais caldo ao escândalo, mas o pior disso certamente já tinha passado.

Ela tinha uma boa idéia do que seria sua resposta — algo sobre ele ser um vampiro e ela uma humana. Doce Deus, não era isso bastante fácil de remediar? Tudo que tinha que fazer era fazê-la uma vampira também.

A porta foi aberta de repente e Eliza irrompeu, seu rosto carmesim e seus olhos selvagens. Ela não tirou seu chapéu ou luvas sequer. "Eu vou estrangular Payen Carr!"

Violeta arqueou a testa. "Você foi à vila, certo?"

Sua guardiã cabeceou, enquanto ainda tentava retomar sua respiração. "Fui."

"Embora Henry lhe dissesse expressamente que não fosse. Eliza foi procurar problemas, e encontrou, não é?"

"Encontrei," a mulher mais velha respondeu defensivamente. "Estava na loja de luvas procurando um novo par de luvas cinza quando a Senhora Randall se aproximou de mim — essa mulher vil e miserável."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Os olhos do Sarah se arregalaram com o veneno no tom da Eliza, mas Violeta forçou um pequeno sorriso. "Ela não podia esperar para falar algo, não é?"

Eliza agitou sua cabeça quando arrastou seu alfinete do chapéu. "Fofocando e intrometendo-se."

Juntando seus braços sobre seu peito, Violeta perguntou. "Então o que fala o povo? Estou arruinada?"

Os braços de Eliza caíram a seu lado como um trapo. Derrotada, ela afundou numa cadeira ao lado de Sarah, enquanto sustentava seu chapéu no colo. "Sim." Seu olhar prendeu o de Violeta. "Estou segura que Rupert não tem nada a ver com isto, mas dado a chegada inoportuna de Payen e o fato que se foi tão abruptamente faz cinco anos... Os fofoqueiros estão convencidos que eram amantes e que Rupert saiu chorando devido a isso. Eu sinto muito minha querida."

Arruinada. A palavra parecia tão estranha na cabeça de Violeta. A ruína era o que acontecia quando algo se sujava além da reparação. Ela não se sentia suja.

Eliza estava agora ao lado dela. "Iremos para a França ou Itália. Encontrará alguém ali, ou pelo menos até que o escândalo caia no esquecimento."

Violeta agitou sua cabeça. "Não irei. Não ainda."

"Mas querida..."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Não, Eliza." — Seu tom era afiado, interrompendo qualquer negativa. "No passado foram preciso duas pessoas para provocar a ruína de uma mulher. Payen Carr me deve isso. Eu lhe permiti escapar faz cinco anos, mas não vai correr desta vez."

Eliza obviamente não gostou do seu. "Violeta, o que está planejando?"

"Payen é meu, e eu sou dele," ela respondeu sua convicção tirando o melodrama de suas palavras. "E já é tempo que ele se dê conta. Eu vou me casar com esse vam...homem, nem que seja a última coisa que faça."

Capítulo 4

Que Eliza não tivesse completado sua ameaça de abrir as cortinas de seu quarto foi o primeiro pensamento que ocorreu ao Payen quando despertou nessa tarde.

O segundo foi o beijo que lhe tinha dado Violeta a noite anterior, seu sabor lhe queimando na memória durante todo o tempo.

Por que uma mulher cujo matrimônio acabava de ser interrompido — para falar brandamente — beijaria o homem responsável por isso? E as coisas que havia dito as perguntas que fez. Por que infernos pensava dessa forma?

Perguntar por que retornou, na verdade. Ele tinha vindo impedi-la de casar com um homem que era parte de um grande mal. Ela pensou que sentia prazer estragando suas bodas?

Deus, tinha a esperança que não, porque tinha sentido prazer nisso. Tinha sido muito mais agradável impedir Violeta de casar-se com Villiers do que qualquer outra coisa nos últimos cinco anos de sua vida.

Patético, era isso.

E resolveu não pensar nisso mais tempo. Sabia quando deixou Violeta na última vez que ali não haveria futuro para ambos. Tanto como a adorou, os anos tinham jogado muitas mulheres caprichosas em seu caminho. Os anos levaram uma muito longe também. Ele tinha sido traído, devastado, posto em perigo, e se fez um estúpido por muito tempo.

A parte engraçada era que nada disso o tinha endurecido contra as mulheres ou o amor, a não ser lhe ter feito um covarde, relutante em arriscar seu coração quando havia semelhante possibilidade de o esmagarem.

Ele escutou na escuridão, enquanto se concentrava nos sons da casa até encontrar o que procurava. Violeta. Ela estava falando com Eliza, perguntando se Payen tinha dado qualquer indicação a respeito de quanto tempo planejava ficar.

O suficiente para assegurar-se que ela estava a salvo. Então, partiria de novo, mas tinha feito acordos com Eliza e Henry para disporem de suas propriedades na França ou Veneza se Violeta decidisse ir para o

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

estrangeiro até que o escândalo se acalmasse. Ele não tinha ouvido nada, claro, mas bodas canceladas sempre davam o que falar.

Uma vez que soubesse que Villiers não era mais nenhuma ameaça para Violeta ou para os Rexleys ele partiria, e seria um longo tempo antes que ele retornasse — isso seria toda a vida deles. Era bom para todos os envolvidos que ele se separasse de Violeta como fosse possível.

Jogando os lençóis para trás, ele escorregou fora da cama e caminhou nu pelo quarto escurecido até o banheiro de seu quarto. Lavou-se e vestiu e então acendeu um abajur e sentou-se para ler durante um momento. Ler sossegava sua mente, e ajudava a passar as horas restantes até que o sol de verão começasse a afundar no oeste. Quase como se tivesse um relógio interno, soube exatamente quando era seguro deixar o quarto e descer.

E quando o fez, Violeta não estava ali.

"Ela decidiu jantar em seu quarto," Eliza lhe disse. O olhar que lhe deu não deixou nenhuma dúvida a respeito de quem era responsável por seu comportamento anti social.

Não havia nada que pudesse dizer a sua amiga que a deixasse menos zangada com ele. Nada que pudesse dizer para melhorar as coisas. Ele só podia esperar que Eliza, e especialmente Violeta, o perdoassem.

Embora Violeta não tivesse parecido tão desgostosa com suas ações ontem à noite. De fato, lhe tinha agradecido. Assim, por que estava evitando-o agora?

A pergunta o corroeu durante o jantar. Ele comeu porque lhe dava um sentido de normalidade e hábito, não porque lhe desse sustento. O encontraria em outra parte mais tarde, quando pudesse sair furtivamente sem que ninguém soubesse que saiu.

Mas antes que se fosse, ia falar com Violeta. Enquanto a tarde se estendia, Payen se agitou cada vez mais. E se algo estivesse errado? E se Villiers tivesse tentado se comunicar? Ou se planejavam uma fuga?

Isso era ridículo é obvio, porque Violeta tinha parecido tão aliviada na noite anterior. Entretanto, tinha sido enganado por outra aparentemente "honrada" mulher no passado. Se a conduta de Violeta objetivava deixá-lo fora de si, ela tinha tido êxito.

Malditos sejam todos, se ela escapasse com Villiers ele a caçaria até o fim do mundo e a traria de volta do inferno. E tiraria a cabeça do Villiers com suas próprias mãos.

Os pensamentos sobre ela corriam incrementando sua agitação. As imagens dela rindo com Villiers, beijando-o, lhe permitindo tocá-la revoavam através de sua mente, torturando-o mais que qualquer adversário que tivesse tido, até estava caminhando sem rumo no salão como uma besta enjaulada, preparado para atacar inclusive a menor presa.

Olhando-o cautelosamente, Eliza anunciou ao redor das onze que ela e Henry estavam se deitando. Henry abriu a boca, mas um olhar de sua esposa a fechou. Seu amigo disparou a Payen um olhar simpático. "Boa noite, Velho moço."

Payen não tinha que forçar um sorriso. Ele não podia recordar um tempo que alguém dessa família não se referiu a ele como "Velho Moço."
"Boa noite, Henry. Eliza."

Ela cabeceou meramente a ele. E então, quando seguiu seu marido ao quarto, ela se voltou e fixou em Payen um olhar que poderia gelar ao fogo.

"Ela me pediu que não dissesse nada, mas eu penso que deve saber. Seu pequeno espetáculo maculou ontem à noite irrevogavelmente a reputação de Violeta. As fofoqueiras têm vocês dois como amantes, e sem ter em conta como foi verdadeiro isso uma vez, ela vai sofrer de novo agora. Eu tenho a esperança em Deus que você tenha razão sobre Rupert, porque ela está arruinada, Payen. O pior de tudo, você poderia arrumá-lo, mas sei que não quer. E Violeta também."

Ela saiu então, com essas palavras amargas picando como mil vespas zangadas. Payen olhou fixamente a porta vazia, coberto de vergonha, e pior — remorso.

Não era nenhuma surpresa que ela não descesse para jantar. Qualquer sentimento amável que tivesse com ele na noite anterior, estava agora certamente destruído.

Era bom desta maneira. Seria mais fácil quando partisse, sabendo que o desprezava. Ela seguiria com sua vida e ele poderia seguir finalmente com a sua.

Era mais fácil ser amaldiçoado. Ele não poderia gastar o resto da eternidade sabendo que a tinha machucado. Os últimos cinco anos

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

tinham sido um inferno, ele não poderia levar mais centenas. Não podia permitir que Violeta vivesse o resto de seus dias pensando o pior dele.

Ele já estava na metade dos degraus antes que compreendesse que tinha deixado o salão. O quarto de Violeta estava no extremo do hall — bastante longe do de Henry e Eliza. Desgraçadamente, tinha que passar pelo quarto dos Rexleys para alcançar Violeta. Por sorte, seus passos eram leves quando humano, e agora estava mais malditamente perto dos de um gato.

Ele não golpeou. Não podia arriscar-se que ninguém o ouvisse. Não se arriscaria a ser rechaçado. Ele girou a maçaneta da porta, surpreso por encontrá-la aberta, e abriu, permitindo-se entrar em seu quarto privado sem sequer um "por favor."

Ela estava sentada na janela, banhada na luz da lua e pela luz suave de um abajur, vestindo uma camisola muito fina. Ele podia ver o suave rosa de sua coxa através do tecido fino, o rubor de um mamilo duro.

Cristo.

Violeta segurava seu livro, nem um pouco surpreendida por vê-lo, ou que se metesse em seu quarto.

"Boa noite, Payen." Elevando-se de sua cadeira, lançou o livro ao lado, e ficou de pé diante dele, o cabelo espesso, brilhante ondeando ao redor de seus ombros, o almíscar débil de excitação se aferrando a sua carne. "Feche a porta. Não quero que sejamos interrompidos."

* * *

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Não era vitória o que estremeceu Violeta até os dedos dos pés, mas sim a constatação que Payen não era mais resistente que ela a ele, saber que não estava sozinha nesta necessidade instintiva.

Ela tinha passado a tarde esperando por ele, sabendo que a queria tanto como ela o queria, ele viria a ela, incapaz de resistir a estar separados.

Deus, amá-lo era correto.

Ela se moveu para ele. De pé diante ele, seus olhares se encontraram, fundindo-se num calor compartilhado, ela soltou os laços da frente de seu roupão e deu de ombros tirando o fino tecido de seus ombros. Caiu de seus braços com um sussurro e se agrupou ao redor de seus tornozelos com uma carícia mansa.

Payen ficou da cor do xerez. Fixou o olhar nos seus peitos pesados sob sua camisola. A respiração de Violeta parou, afiada e crua em sua garganta quando ele cobriu-os com suas mãos. Seus dedos eram quentes e firmes quando lhe massagearam a carne necessitada, o roçar dos dedos polegares nas pontas com ternura brutal. Seus mamilos endureceram, enquanto apertavam-se com cada golpe. As faíscas de prazer acenderam entre suas coxas, no mais profundo dela, nesse lugar que sofria por se encher com ele.

Olhando-se fixamente, Violeta elevou suas mãos. Enganchando seus dedos sob as alças da camisola, as puxou abaixo de seus ombros. Ele elevou suas mãos para que sua camisola caísse no chão em cima do envoltório já desprezado. Nua, Violeta se detinha sob o olhar de Payen. Semelhante apreciação íntima normalmente seria incômoda, mas não

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

havia nada disso com ele, porque sabia que a seus olhos ela não tinha nenhum defeito — ao menos físico. Ele parecia amar as curvas cheias de seu corpo, a largura de seus ombros e quadris.

"É tão formosa," ele sussurrou, as pontas dos dedos roçando a redondez pálida de sua barriga voltando a seus peitos de novo. "Minha doce rainha guerreira."

Violeta se estremeceu com a carícia de suas mãos e voz. Ela estava tremendo agora, e ele apenas a tocou. "Se dispa."

Ele sorriu abertamente, lentamente, estendendo o sedutor de seus lábios. "Me obrigue."

Como poderia resistir a semelhante desafio? A satisfação ondeou através dela quando puxou sua jaqueta abaixo de seus braços e a jogou de lado. Sua gravata e colete seguiram, e todo tempo, ele estava de pé ali sob suas mãos. Ele não elevou um dedo nem uma vez para ajudar aos dedos dela — estavam em outra parte ocupados, em toda parte que podia, lhe arrepiando a pele nas partes mais sensíveis.

Enquanto tirava sua camisa das calças, Violeta o acariciava com antecipação. Seu corpo parecia quente e intrigante, uma parte dela com forte necessidade e outra com firme desejo. Seus peitos roçaram o tórax de Payen, o linho de sua camisa arranhando sua carne, fazendo que sua boca se abrisse quando roçou seus mamilos.

Ela puxou sua camisa. Ele agarrou a ponta e a tirou por cima da cabeça, jogando-a no chão.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Seu dourado e farto cabelo ficou amassado, ficando em pé como se tivesse um pouco de pontas o que fez suas mãos terem comichão para escorregar-se através dos fios de seda. O abajur jogou sombras sob suas altas maçãs do rosto e acentuou os músculos ondeados de seu peito e abdômen.

Com a boca seca, Violeta levantou uma mão ávida. Ela tocou a pele quente, lisa de seu ombro, seus dedos acariciando, deslizando em cima do músculo liso e dos ossos nodosos. Então baixou, sua mão por cima da firme e acetinada carne de seu peito. Seus peitorais estavam definidos e separavam por uma marca ligeira que corria abaixo por seu estômago onde um caminho fino de cabelos de seda desaparecia sob a cintura de suas calças.

"Penso que é formoso," ela murmurou, enquanto escorregava ambas as mãos agora em cima dele. "Como um deus dourado." Ela não se preocupou por parecer tola, assim era como o via. Ela rastreou a marca de seu umbigo com seu dedo, sorrindo quando ele puxou uma respiração rápida.

"Só um deus resistiria a ti," lhe disse sua voz ligeiramente rouca.

Brevemente, Violeta encontrou o calor de seu olhar e viu verdade e desejo ali. Seu coração se encolheu e apertou. Ela teve que desviar o olhar. Seu olhar escorregou abaixo, à protuberância no frente de suas calças. Alcançando abaixo, ela o cobriu com sua mão, sorrindo do gemido que escapou de seus lábios quando esfregou a longitude dura dele com sua palma.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Me disseram," ela sussurrou, enquanto se aproximava de sua orelha, "que um homem acha muito agradável quando uma mulher põe sua ereção em sua boca."

Sob sua mão a ereção de Payen atirou bruscamente. Ele riu entre dentes brandamente, seus dedos se arrastando sob sua espinha para lhe acariciar uma nádega. "É verdade. Você vai pôr meu membro em sua boca, Vi?"

Se inclinando para trás, ela encontrou seu olhar sem vergonha ou confusão. "Você gostaria disso, Payen?"

"Cristo, sim."

Seus dedos desajeitados, desabotoaram suas calças, seu olhar nunca deixando o seu enquanto escorregava a fina lã por seus quadris e coxas. Ajoelhando-se, ela tirou seus sapatos e puxou suas calças de seus pés. Ela as jogou de lado e se sentou nos calcanhares, tomando um momento para gozar de sua nudez.

Ela esfregou sua bochecha contra sua coxa, sentindo o cabelo quente ali, a carne firme. Então, voltando sua cabeça, ela admirou a orgulhosa ereção, a longitude e tamanho. Ela era responsável por isso — seu desejo e disposição.

Por um momento, duvidou, e então estendeu a mão e envolveu seus dedos ao redor de sua espessura. Seu corpo se esticou em resposta. "Isso," ele murmurou. "Me toque. Me lamba."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Violeta não necessitou mais estímulo. Suas palavras pareciam golpear direto no centro de seu sexo, intensificando a dor quente ali. Ela podia sentir a umidade em suas coxas, o ar fresco batendo, sua pele acalorada. Ela beijou a ponta, correu sua língua ao longo da cabeça lisa, sedosa, enquanto o acariciava com sua mão.

Payen gemeu.

Sorrindo timidamente, Violeta elevou sua cabeça para olhar fixamente a ele. Outra lambida. "Você gosta?"

Seus lábios soltaram um grito sufocado quando ela simplesmente pôs a cabeça dentro de sua boca e chupou brandamente. "Cristo, sim. Mais. Por favor." Sua cabeça se inclinou quando ela aplicou mais pressão. "Chupa."

Ela o fez. Violeta o banhou com sua língua, saboreando sua pele. Ela o tomou todo em sua boca para que a cabeça enchesse sua garganta quando o acariciou com sua língua, então se retirou para torturá-lo com lambidas e beliscões, bombeando-o com sua mão. Ele sustentou sua cabeça em suas mãos, sustentando-a, mas de certo modo lhe permitindo mover-se, mas sem soltá-la. Como se ela o fizesse.

Este poder estava intoxicando-a. Agarrando-o pelos lados, Violeta meneou sua cabeça de cima abaixo, enquanto escorregava sua boca em cima da longitude escorregadia dele seus dedos se apertaram em seu cabelo.

"Vi," ele abriu a boca. "Violeta...OH." Então ele se estirou e estremeceu, gemendo alto quando se veio.

Soltando-o, ela ficou em pé. Ele estava apoiando-se contra a parede, voltou sua cabeça quando abriu a boca para respirar. Ele era completamente formoso.

"É incrível," lhe disse quando se endireitou. Ela se orgulhou com o elogio. "Agora, é a vez de te saborear. É muito extenso."

Ele tinha razão. Simplesmente o pensamento do que ele quis fazer levou Violeta virtualmente correndo à cama. Subindo no colchão, ela se apoiou contra os travesseiros e estendeu suas coxas. Ele poderia cheirar sua umidade, sua excitação?

Payen a seguiu para a cama, ajoelhando-se no cobertor, com um sorriso sedutor. "Ansiosa?"

"Sim." Não podia mentir. "Quero sua boca em mim, sua língua dentro de mim." Ele havia feito isso a ela antes e tinha pensado que morreria, sentiu-se tão bem.

Ela não tinha que falar duas vezes. Se segurando em seus antebraços, Payen baixou sua cabeça ao vale acalorado de suas coxas. O primeiro golpe de sua língua fez seus quadris estremecerem, balançando seus sentidos hipersensíveis.

Ele era cruel com sua língua. Ele a lambeu, chupou até que ela pensasse que já não podia suportar mais, encheu-a com sua língua. E então, escorregou um dedo comprido dentro dela, acariciando um lugar bem profundo, isso a fez retorcer-se e abrir a boca quando sua língua encontrou essa mancha pequena e firme que doeu com a promessa de

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

prazer incrível. E então ela entrou em um grande dilúvio de calor que a estremeceu e a fez afogar seus lamentos com sua mão.

Payen não lhe deu tempo para recuperar-se. Não podia. Estava de novo duro, firme e pesado com a necessidade de estar dentro dela. Sustentando seus joelhos separadamente, ele posicionou a cabeça de sua ereção contra a entrada empapada de seu corpo, e devagar se escorregou dentro. Ela era tão firme, tão úmida quando se estendeu para acomodá-lo. Maldição estava perto de matá-lo ir lentamente, mas o gemido de deleite de Violeta lhe deu todo o refreamento que ele necessitava.

Apoiando-se, ele arrastou beijos quentes, úmidos ao longo de seu pescoço. Ele a beliscou brandamente com seus dentes — só a raspou com sua presa. Ela abriu a boca, enquanto arqueava seus quadris para que ele se enterrasse totalmente dentro dela. Ele não ia mordê-la. Tão bom como estava para os dois, ele não queria que nada interferisse ou diminuísse este momento.

Passou muito tempo desde que sentiu essa necessidade. Muito desejo desde que Violeta lhe mostrou o que era estar em casa. Envolveu seus braços e pernas ao redor dele como hera, enquanto sustentava-o tão apertado que ele podia senti-lo em seu peito — em seu coração.

Sua boca foi a seus peitos, lambendo e chupando cada mamilo até que estivessem altos e estirados, vermelhos e enrugados. Violeta abriu a boca e gemeu, ondulando debaixo dele. Seus dedos puxaram seu cabelo, arranhando seu couro cabeludo quando o sustentou no seu peito. "Mais forte," ela rogou. "OH, Payen, mais forte!"

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Ele a mordeu. Ele não o fez com esse propósito — só queria beliscar o doce mamilo de carne em sua boca, mas suas presas estavam totalmente estendidas e furaram a carne delicada ao redor de sua auréola. Violeta se arqueou para trás, entregando-se à mordida enquanto ansiosos pequenos sons se escorregavam entre seus lábios.

Payen permitiu que o sabor dela enchesse sua boca quando mergulhou dentro dela. O empurrão quente e molhado, Violeta contra ele, cada golpe o trazia mais perto da borda, quando ela tremeu e gemeu debaixo dele.

Os movimentos do Payen se intensificaram. Ele ia se vir. Cada momento só nos últimos cinco anos, cada noite vazia tinha valido a pena para ter Violeta envolta nele, suplicando para chegar a seu clímax. Ele destruiria literalmente montanhas por esta mulher, a única que o tinha aceitado sem duvidar.

Ela o aterrorizava, pois não havia nada tão perfeito como a paz que sentia em seus braços. Pertencia a ele. E Deus o ajude, pertencia a ela.

Então lhe pegou. Um lamento quebrado rasgou a garganta de Payen quando mergulhou nela. Ele se esticou quando seu clímax o atravessou, golpeando seus quadris contra os dela, clamando seu próprio descarrego contra seu ombro.

Depois de uns momentos, quando estava ao lado dela, desfrutando escutar sua respiração, Payen sentiu a primeira pontada de pesar.

Capítulo 5

Violeta soube o que a expressão na cara de Payen significava. Ela a tinha visto faz cinco anos, antes que ele saísse de sua vida.

"Diga que o sente e eu te castrarei," ela inclusive grunhiu numa voz estranha a seus próprios ouvidos.

Payen deu puxões, a culpa acendendo-se em seus olhos. "Violeta, eu..."

"Estou dizendo, Payen. Tenho um abridor de cartas de prata em minha mesa."

Um sorriso triste encurvou seus lábios. Ele não tomar sua ameaça a sério não era tanto um insulto como o fato que deu-se a ele — no que deveria ter sido sua noite de bodas com outro homem — tão a sério como sua ousadia. Ele foi o único homem com quem ela tinha tido sexo alguma vez — o único homem com quem ela tinha compartilhado uma cama alguma vez. O único homem a quem ela tinha dado seu coração alguma vez.

Não lhe permitiria sujar sua percepção por havê-lo escolhido.

Sua mão se acomodou no colchão, Payen dirigiu seu corpo para ela. Os músculos em seu braço ondularam sob o ouro de sua carne. O desenho de suas costelas atraiu sua atenção aos seus quadris magros. Ele era uma distração bonita, enquanto a fazia esquecer das demandas de seu coração com a tentação de seu corpo.

Quase.

"Você quer fugir," ela murmurou, enquanto erguia seu olhar para seu rosto que não era menos impressionante que o resto dele. "Como fez há cinco anos."

Ele diminuiu a distância entre eles cobrindo sua bochecha em sua palma. Seu dedo polegar acariciou sua carne brandamente quando olhou fixamente, tão docemente, em seus olhos com um olhar que rompeu seu coração. Isto a feriu muito — muitíssimo — saber que ele não se permitiria ficar com ela. "Tão rápido como posso," ele respondeu.

Ela não poderia odiá-lo, tão zangada como ele queria. "Por quê?"

Os dedos quentes passaram por cima de seus lábios — uma carícia frágil, que fez sua respiração reter-se em uma simples, ligeira reverência. "Sabe por que."

"Diga-o." As palavras saíram como um cochicho rouco, um pouco mais áspero pela estreiteza de sua garganta. Violeta levou o lençol a seu peito, não para ocultar sua nudez, mas para criar uma barreira entre ele e seu coração. Não funcionou claro, mas a fez sentir-se mais forte, a impediu de levar seu rosto a sua mão, e arranhar ali como um gatinho necessitado.

Na luz débil seu olhar era inteligente como o olho de um tigre gentil. "Eu sou um vampiro."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Eu sei o que é." Ele pensou que era uma menina tola? Ela sabia o que ele era há anos — muito antes de lhe dar sua virgindade. Muito antes que se apaixonasse por ele. Pouco depois que foi viver com Eliza e Henry, eles tinham saído para um passeio e seu cavalo tinha fugido, pela aparição de um coelho. Payen tinha retido seu cavalo — a pé. Se essa não fosse prova suficiente que ele não era humano, o fato que não parecia nada diferente agora do que tinha sido há mais de uma década o era.

Tirou a mão de sua bochecha, mas não partiu. Ele não o fez; pôs uma distancia maior que a física entre eles. "E você é humana."

Um ponto discutível e os dois sabiam. "Isso se corrige bastante fácil." Quando ele começou a protestar — obviamente ela sabia que não seria assim tão simples — ela o cortou. "Terá que ter algo melhor que isso."

Ele falou tão prontamente que ela soube que a resposta tinha sido planejada — talvez inclusive ensaiada. "Eu fiz um juramento quando bebi do Graal do Sangue que nunca trocaria a outra pessoa."

"Isso faz muito tempo, Payen." Tanto que estava além de sua compreensão. Ele estava além de sua compreensão, mas ela não se afligia. Ela poderia viver cem anos e ainda saber só um fragmento de sua vida, e não lhe importava. Ela o amava.

"Eu dei minha palavra."

Empurrando o cabelo por cima de seu ombro, Violeta o fixou com um olhar afiado. Ela já não era tão jovem e não ia permitir lhe escapar

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

tão facilmente como o fez antes. "A quem está tentando convencer que não podemos ficar juntos? A mim? Ou a você mesmo?"

"A você," ele respondeu sem vacilação, sem malícia. Então, com a indireta de um sorriso, "E possivelmente eu necessito um lembrete."

As palavras vieram rapidamente, sem pensar — sem cuidado. "Uma promessa de sete séculos em troca de uma oportunidade à felicidade?"

Ele quase disse não, ela podia vê-lo em seus olhos. Homem teimoso, tolo. Ele a queria tanto como ela o queria. Possivelmente — e ela não se atreveu a opinar — ele a amava tanto como ela o amava. "Eu fiz um voto."

"E me impediu de dizer o meu." Um golpe baixo, mas a quem lhe preocupava?

"Você me agradeceu isso." Sua expressão, sua postura, e seu tom eram defensivos. Lembrou o ocorrido. "Você queria que te dissesse para não casar com Villiers."

Ele não ia voltar isto contra ela, culpá-la de algum modo. "Porque tinha esperado que você guardasse um pouco de sentimento por mim." Ela não tinha nada a perder — ele tinha tomado já sua inocência e sua reputação — seu coração e sua alma. Que mais poderia fazer?

"Faço-o." Era um golpe baixo e os dois sabiam. E respondeu sua pergunta, obviamente ele tinha o poder para ainda fazer muito a ela. Ele falou tão facilmente, sustentou seu olhar tão cuidadosamente que só uma piscada diminuta de emoção passou, mas ela a viu.

Ele queria jogar, não é? Ela jogou as mantas para trás e saiu da cama. "Obviamente, não o bastante."

"Maldição, Vi. Não é tão simples."

"Eu penso que é incrivelmente simples." Pegando sua túnica no pé da cama, Violeta a deslizou e atou firme ao redor de sua cintura. "Ou você me ama ou não, Payen."

A cor fugiu de seu rosto, e o coração de Violeta se quebrou em milhares de fragmentos afiados.

Não o bastante. Ela lutou com a dor que revolia dentro dela. "Isso é o que pensei." Mas Deus querido, ela tinha esperança. Ela quase o tinha acreditado.

Em uma labareda ele estava fora da cama. Gloriosamente nu, e confortável com isso, ele veio atrás dela. Ele se deteve a curta distância de alcançá-la. Teve muito cuidado para não tocá-la. "Não o entende."

Violeta se deteve. Encontravam-se frente a frente. Ela queria golpeá-lo, desejava sacudi-lo e beijá-lo. Queria subir nele e tomá-lo dentro dela. Em troca o atçou no peito. "Então me obrigue."

"Meus sentimentos por você são inconseqüentes." Payen empurrou uma mão através de seu cabelo em um suspiro exasperado. "Eu sabia o que estava fazendo quando virei um vampiro. Eu perdia tudo que tinha ou poderia virar o que sou."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Ela o olhou um momento, o rubor sutil em suas bochechas, esgotando seu olhar. Por que ela não o tinha visto antes? Ela tinha sido muito jovem para vê-lo — ou simplesmente cega? "Qual era seu nome?"

Sua expressão fechou completamente, mas não antes que ela visse a verdade ali. "O que te faz pensar que havia outra mulher?"

Ela simplesmente falou, seu coração golpeando ligeiramente por esta nova revelação. "Porque os homens raramente são estúpidos com alguma coisa a não ser quando se envolve uma mulher."

"Não pensa muito favoravelmente de seu próprio sexo."

"Ao contrário, penso que as mulheres são capazes de quase tudo. Os homens que se enganam facilmente por nós." Ela pôs uma mão em cima de seu coração, sentia os pulsos lentos — tão lentos como podiam ser os humanos. "Conte-me."

"Alyce," ele respondeu, seu olhar se nublou com uma mescla de dor e pesar. "E ela é a razão por que Stephen Rexley morreu."

* * *

O desconforto no formoso rosto arredondado de Violeta deu passo ao desconcerto antes que a compreensão aparecesse em seus olhos. "O antepassado do Henry?"

Payen cabeceou, afastando-se dela quando o fez. "Ele era meu amigo." Ele não ia contar esta história nu. Encontrou suas calças no chão e as vestiu. Ele necessitava toda a armadura que pudesse conseguir.

Felizmente, ou possivelmente desgraçadamente, Violeta era bastante paciente para esperar que se vestisse e continuasse. Ele pegou sua camisa mas não a vestiu e se sentou na borda da cama, contemplando-a com um olhar cansado quando arrastou seus sapatos. Não era uma história agradável, mas ela merecia ouvir. Ele devia pelo menos isso.

Possivelmente então entenderia, mas ele duvidou. Maldição, era tão jovem. Falar de amor e promessas — o que sabia uma garota de sua idade sobre isso? Não duvidava que ela pensava nele como uma figura romântica — um cavalheiro branco — seu herói. Ele não era.

Ela ainda estava esperando pacientemente, em sua túnica magra que deixava pouco a imaginação — não que ele necessitasse imaginação para conhecer cada curva deleitável.

Ele suspirou. "Nós fomos ambos Templários encarregados de proteger o Graal de Sangue da Ordem da Palma de Prata. Eu simplesmente tinha bebido da taça e havia me tornado vampiro para servir bem a nossa causa. Stephen duvidava se podia ou não comprometer-se também pela eternidade em ficar entre a Palma de Prata e o poder que eles procuravam." Ele sorriu, triste e divertido. "Eu me apressei à oportunidade de me comprometer."

E quando a taça foi tomada pelos homens de Felipe, ele rastreou os seis novos vampiros durante um século, esperando por uma oportunidade para roubar o cálice de novo. Eles não abusaram de seu poder, embora abusaram certamente dos próprios, mas isso mudou quando um deles cometeu suicídio caminhando para a alvorada. O

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

outros cinco se voltaram para a igreja, e fizeram que o Graal de Sangue estivesse uma vez mais seguro.

Violeta estava olhando-o, sua expressão estranhamente ilegível. Normalmente ela era um livro aberto para ele. "Eu imagino que o fez. Você amou a Alyce?"

Menina impaciente. Mas ela o impediu de demorar muito tempo. "Sim. Ela era uma moça no povo onde Stephen e eu vivíamos no momento. Nós a conhecemos através de seu irmão, um jovem com quem às vezes bebíamos na taberna local." Sua mandíbula se apertou à memória desse jovem. "Eu a amei com toda a tolice que pode um jovem. Eu não sabia mas também o fez Stephen."

Ela não parecia nem um pouco incomodada por sua confissão, era bastante prudente para não ter ciúmes de uma mulher morta há tanto tempo. Possivelmente era menos jovem do que ele acreditava. "A quem amou Alyce?"

Payen riu orgulhosamente entre dentes — e um pouco amargamente. Não era tola, sua Violeta. "Sobretudo, eu diria a ela mesma, mas esse não seria justo. Entre nós dois, penso que ela amou mais ao Stephen. Indiferente, só estava interessada em uma coisa de ambos."

"Permita-me adivinhar." Violeta cruzou seus braços sob seus peitos generosos, empurrando-os e fazendo que seus mamilos se elevassem como uma oferenda só para ele. "Alyce pertencia à Palma de Prata."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Possivelmente ele devia surpreender-se que ela o deduzisse, mas parecia parte de uma novela gótica ou algum conto contra o pecado e más mulheres tão populares nestes dias. "Não realmente. Seu irmão o fazia. Antes então a Ordem não tinha compreendido que as mulheres poderiam ser úteis na sua organização. Isso aconteceu um pouco mais tarde." Ele não ia pensar agora nessas mulheres.

"Então como ela os traiu?"

Tão transparente. A profundidade da história tampouco estava perdido nela, ou havia estado muito em sua própria mente. "Fiz isso eu mesmo. Eu revelei a verdade sobre mim a ela."

Os olhos avelã se arregalaram. Era dor o que os iluminava? Certamente ela tinha que saber que houve mulheres antes dela. Muitas mulheres.

Mas nunca uma como ela.

Os dedos longos de Violeta agarraram à frente de sua túnica, enquanto torciam a seda. "Ela te traiu por seu irmão."

Por um momento, Payen não quis nada mais de tomá-la em seus braços e a beijar — para sempre. As palavras foram ditas com tal horror, tal aversão. Possivelmente porque ela não tinha uma relação de sangue para ter lealdade com Alyce. Ou, possivelmente era porque Violeta nunca trairia um homem que decidiu cuidar.

O que significava que ela não quis ao Villiers — não realmente.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Sim. Ela confessou o que havia feito ao Stephen, por que, não sei. O idiota veio me advertir, um herói até o fim."

"Ele morreu na luta? Henry me disse que ele morreu em batalha."

Payen retrocedeu antes de encontrar-se com seu olhar. "Isso é o que eu disse. Na verdade, a batalha não começou até depois que Stephen morreu. Ele morreu pelo irmão do Alyce, que já tinha assassinado sua própria irmã por sua deslealdade."

Violeta franziu o cenho. "Isso deve ter sido horrível para você."

"Eu tive minha vingança." Ele não ia lhe dizer o que havia feito a esses homens. Ele não quis pensar sobre eles, mas até depois de todos estes séculos, poderia cheirar seu sangue no ar, sentir a obstinação deles em suas mãos.

E sua pequena perspicaz Vi, mais robusta e mais forte que seu homônimo, olhava-o como se cheirasse o que ele cheirou e sentisse o que ele sentiu também. Ela teria feito justiça ali ao lado dele, com uma espada na mão.

Ela mataria para ele, ele o compreendeu com um estalo — um súbito que pegou diretamente em seu coração.

Ela tampouco estava a ponto de lhe permitir sair-se com uma história de velha traição. "Não quer ficar comigo porque eu poderia te entregar à Palma de Prata? Não confia em mim?"

"Isso não é tudo."

Um abrupto sobrecenho disparou contra a carne pálida de sua testa. "Você não pensou que eu revelaria a Rupert? Possivelmente ele e eu já estamos confabulados."

Payen franziu o cenho a sua ofensa. "Você nunca faria semelhante coisa." E ele soube que ela não o faria. Nunca pensaria que poderia.

"Então você não lança um julgamento contra todas as mulheres apoiado nas ações de uma?"

"Claro que não." Ele estava começando a perder sua paciência.

"Mas devido a isso, você e eu não podemos ficar juntos."

"Maldição, Violeta!" Soltando uma respiração afiada, ele saiu da cama e caminhou uma vez mais para ela. Ele cobriu seus ombros com as mãos, sentindo a força suave dela sob sua palma. "As pessoas que eu amo morrem."

Seu queixo se elevou insolentemente. "As pessoas morrem, Payen. Os ame ou não."

"Você não entende." Tristemente, ele entendeu que não havia maneira de fazê-la ver.

"Eu entendo perfeitamente." Ela inclinou sua cabeça. "É um pouco patético, francamente."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Suas mãos se deixaram cair. "Desculpa?" Certamente ele não escutou bem.

"Eu nunca te teria imaginado semelhante covarde."

Ele tinha escutado bem. Indignação — irritação — aumentava dentro dele. "Eu matei a homens por insultos menores."

Violeta sorriu com desprezo. "Você nunca me machucaria fisicamente e ambos sabemos."

Mas ele ouviu a dor ligeiramente oculta. Ele a tinha ferido emocionalmente. "Eu não sou um covarde."

"Quando se trata de seu coração, é" ela insistiu. Desta vez foi ela quem elevou suas mãos, as pondo ao lado de seu rosto. O instinto lhe exigia afastar-se, manter-se a salvo, mas seu orgulho o sustentou. Ele não demonstraria que ela tinha razão.

"Você me ama." Convicção corria em suas palavras, fez-lhe até franzir o sobrecenho mais profundamente.

"Eu nunca fiz tal declaração," ele insistiu pomposamente.

Seu sorriso era uma indulgência serena. "Você me ama, e eu te amo. Mas não tenho o luxo de poder esperar para sempre, Payen. Se esperar muito tempo para compreender o que quer seu coração — o que necessita — eu terei ido. Se pergunte o que prefere ter, seu voto, ou a mim a seu lado por toda a eternidade."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Payen se afastou, assustado e impôs ficou em silêncio. Ela o amava? Amá-lo? Não, ela não podia. Ainda, ali não havia nada exceto verdade em seu singelo olhar. Nada mais que tristeza e certeza. Ela o amava, e acreditou que ele a amava.

Cristo, o que tinha conseguido ele?

Ele tinha que sair dali. Tinha que fugir. Tinha que estar em alguma parte onde ela não estivesse. Em alguma parte longe.

Ele retrocedeu para o balcão.

"Continua e foge," Violeta disse brandamente. "Mas se não retornar aqui até a saída do sol, irei em sua busca, Payen Carr. Eu te caçarei até minha morte."

Ela o faria. Ele podia vê-lo. "Por quê?"

Seu sorriso estava ainda triste, mas determinado. "Porque eu prefiro gastar o resto de minha vida te caçando que sentindo saudades."

Isso era tudo. Ele não poderia ouvir mais. Ele a olhou fixamente no que pareceu uma vida, mas na realidade foram segundos, e quando seu coração não podia mais olhar para ela, voltou-se e fugiu através das portas francesas. Ele saiu do balcão curvo e entrou no céu, disparando freneticamente para um destino desconhecido.

E do jardim escurecido abaixo, Rupert Villiers olhou com assombro.

Capítulo 6

Payen voltou de fato pela alvorada. Violeta o escutou nas escadas — e soube que qualquer ruído que fazia era para o benefício dela.

Quando ele veio a sua porta, estava uma vez mais calado e furtivo. Violeta sentiu sua presença em lugar de escutá-lo, mas soube que estava ali, separado dela por nada mais que uma tábua de madeira que nem sequer se fechou com chave. O que adiantaria uma fechadura contra um ser que poderia esmagar pedras com suas mãos nuas? Mas por que ela fecharia com chave alguma vez sua porta contra o homem que ela amava?

A única coisa que impedia Payen de entrar em seu quarto era ele mesmo, e isso tirou um pouco do esplendor e prazer que seu retorno lhe deu. Ela ficou em sua cama, quieta e escutando. Ela não estava exatamente segura de quando ele se afastou, mas eventualmente compreendeu que não estava mais perto. Possivelmente imaginou tudo. Assim, Violeta fechou seus olhos e tentou dormir de novo até que a primeira luz pálida da alvorada se arrastasse através da janela do quarto. Ela poderia descansar agora, sabendo que Payen pelo menos era seu prisioneiro até o ocaso.

Quando despertou umas horas depois, estava com um sentido renovado de esperança. Não estava segura de como lutar contra um compromisso em batalha séculos atrás, mas lutaria, custe o que custar.

Sua lealdade — antiquado como era — era admirável. Violeta não tinha nenhuma preocupação que ele seria assim fiel a ela. Seus

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

sentimentos não eram o problema. O problema estava em sua cabeça, seu pensamento de que não poderia amá-la, estar com ela, e ainda guardar esses votos antigos.

Será que as pessoas que lhe tomaram esses votos alguma vez tiveram a intenção que Payen não pudesse ter felicidade em sua vida? Certamente não quiseram dizer que ele não pudesse converter sua companheira em um vampiro se assim o escolhesse? Se o fizeram, então estavam equivocados.

Com suas convicções e determinação firmemente em seu lugar, Violeta se levantou e chamou por sua criada. Então, se lavou, escorregou-se em suas roupas interiores, e se parou enquanto sua criada atava seu espartilho. As barbatanas marcavam sua cintura de uma maneira aduladora, mas elevava muito seus peitos de forma proeminente. Desgraçadamente não havia nada que fazer sobre eles.

Payen parecia gostar. Ele lhes tinha rendido culto virtualmente a noite anterior com sua boca e mãos. Ah, o tato de sua língua quente, úmida contra a dor sensível de seus mamilos...

"Encontra-se bem, senhorita?" Sua criada perguntou. "Ficou um pouco carmesim. Está muito apertado?"

Mortificada, Violeta agitou sua cabeça. "Eu estou bem, Anna. Obrigada." Não pensaria mais em Payen e no prazer que lhe deu. Mas um calafrio correu sua espinha ao pensar em desfrutar para sempre desse prazer.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

A imortalidade não a assustava, embora fosse muito triste alguém passar suas noites sozinho. Não permitiria Payen continuar assim.

Um vestido rosa e nata baixou sobre sua cabeça, interrompendo seus pensamentos, e Violeta escorregou seus braços nas mangas cômodas. Era um vestido novo, muito bonito e feminino. Era elegante, mas sem muitas capas e adornos que eram tão populares nestes dias. Uma mulher de seu tamanho não queria babados ao redor de seus quadris e traseiro — um só era suficientemente mau. Ainda, Violeta tinha que aceitar que as cores eram favoráveis a sua cútis e que o decote alto enfatizava seu busto. Ela não podia mudar que fosse alta e escultural, mas este vestido — parte de seu enxoval de bodas — a fazia sentir-se bonita e mais delicada.

Possivelmente Payen poderia subir mais cedo para vê-la nele.

Deve ser horrível ser o único vampiro em uma casa cheia de humanos. Não só devido à tentação óbvia, mas por estar muito sozinho. Condenado ao ostracismo devido à luz mortal do sol, obrigado a passear de noite quando todos dormiam.

Payen necessitava alguém para compartilhar suas noites — alguém que o aceitasse pelo que era, e não tivesse nenhum conceito errôneo sobre como seria diferente a vida a seu lado. Alguém que entendesse o que era estar sozinho.

Violeta não era tão jovem quando seus pais morreram que não os recordasse. Ela os recordava vivamente e com grande amor e dor. Henry e Eliza tinham sido muito bons com ela, mas nunca tinham tentado

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

tomar o lugar de seus pais, e tinham seus próprios meninos, ambos casados agora e perto de fazer ao conde e condessa avós.

Os Rexleys nunca a havia sentir-se mal recebida, pelo contrário, mas Violeta era bastante madura para sentir saudades do que teve uma vez, e sempre se sentia como se realmente não pertencesse ali.

Até Payen. Ela pertencia a ele — tanto como a lua pertencia a noite. Ela só tinha que fazê-lo admitir. Não, tinha que fazê-lo aceitar.

Estava com este pensamento em sua cabeça, esta determinação em seu coração quando desceu as escadas para enfrentar a luz luminosa do dia e o escândalo de suas bodas canceladas que estava por vir.

Os periódicos tenderam a simpatizar com Rupert, apesar de que a maioria dos informes eram escritos por mulheres. Eles não podiam entender por que Violeta daria o fora em semelhante homem encantador.

Outro anunciava que ela deixou a seu marido por um homem que se parecia com Payen.

"Se Payen não se casar comigo eu nunca poderei mostrar minha cara de novo em Londres," Violeta conjecturou, não sem um pouco de amargor, quando elevou sua xícara de café.

Eliza a olhou por cima da borda de sua própria xícara. "Você quer se casar com Payen?"

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Eu não quis outra coisa desde que tinha dezesseis anos." Ela tomou um gole de café quente, rico. "Ele me ama, Eliza. Ele apenas não se permite ser feliz."

Sua guardiã — sua amiga — não se via convencida. Ela pensava que Violeta era muito jovem? Muito tola? Ela poderia ter apenas vinte e quatro anos, e possivelmente sua experiência do mundo fosse limitada, mas conhecia seu coração. E ela conhecia Payen. De fato, apostaria que conhecia mais do vampiro que o próprio Henry, que conhecia Payen desde que era um moço.

Henry não sabia a verdade sobre a morte de Stephen Rexley. Esse pequeno aviso lhe tirou o remorso da expressão duvidosa de Eliza e deu confiança a Violeta para manter sua cabeça erguida no outro extremo da mesa do café da manhã.

Depois do café da manhã, foi ver quantos presentes seriam devolvidos, e se ocupou ali. Quando Eliza entrou depois de uma hora e lhe disse que Rupert a mandou chamar, Violeta estava surpreendida, para dizer o menos.

"Você quer vê-lo?" Eliza perguntou, enquanto punha uma mão firme, mas gentil em seu braço.

Violeta deu leves golpes a seus dedos mindinhos. Eliza poderia não ser a mãe verdadeira, mas tinha muito de uma mãe protetora — um fato que Violeta apreciava e a amava por isso. "Não. Eu o farei. Eu devo pelo menos isso ao pobre homem." Ela olhou ao redor dos montes de presentes que tinham que ser devolvidos ainda. "Mas possivelmente no salão onde não terá um aviso constante de minha traição."

"Ele já está lá." O afeto da Eliza se apertou. "Teria sido pior casar-se e lhe trair."

Uma verdade que Violeta soube em seu coração, mas a fez feliz ouvir o mesmo dito em voz alta. Ela usou essa felicidade para dar-se força quando, uns momentos depois, entrou no salão onde seu noivo anterior esperava.

Ela endireitou seus ombros à vista dele. "Bom dia, Rupert."

Ele reluzia, surpreendentemente bem para um homem a quem sua noiva lhe tinha dado o fora. "Violeta. Vê-se encantadora."

"Obrigado." Ela franziu o cenho. "A que devo o...prazer desta visita?" A opção era pobre de palavras, mas estava trabalhando com um cérebro atordado no momento.

Rupert percorreu o olhar por trás dela à porta fechada. "Está o Sr. Carr aqui?"

"Ele está indisposto no momento." E agradecia por isso, pois a luz do sol que entrava em torrentes no quarto o mataria. "Você não precisa ter medo dele, Rupert." No momento em que Violeta disse essas palavras compreendeu que a luz nos olhos do Rupert não eram de temor absolutamente. Era de excitação — um brilho que formou um mal-estar em seu estômago.

"Eu gostaria de lhe falar," ele disse de repente, enquanto iluminava-a com esses olhos luminosos espectrais. "Eu entendo os receios do Sr.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Carr sobre minha filiação com a Palma de Prata, mas nós gostaríamos de assegurar que a Ordem de hoje não é nada como a que ele lutou uma vez.”

"Nós?" O mal-estar cresceu...

"Sim, a Ordem".... e se transformou num tijolo de medo. "Disse à ordem sobre Payen."

"Claro." Ele falou como se fosse natural. Quão profundo estava na Ordem? Ele tinha fingido sua ignorância na noite em que Payen chegou? Ou alguém tinha decidido que merecia saber mais, uma vez que ouviram falar da chegada de Payen? E estimado Deus, o que sabiam os homens modernos sobre um vampiro de sete séculos?

"Por que lhes falaria sobre o Sr. Carr, Rupert?"

Lhe deu um olhar furtivo. "Você sabe o que ele é, Violeta, não se faça de recatada comigo. Eu o vi deixar seu quarto esta madrugada. Muito impressionante. Assustou-me no princípio, mas depois compreendi que maravilha é ele."

Como Payen tinha deixado seu quarto? Pelo balcão. OH Deus. Violeta apertou uma mão em seu revoltado estômago. Ele tinha voado, e Rupert tinha visto.

"Você estava me espiando?" Importava-lhe apenas, mas era algo a dirigir sua irritação em lugar do medo a que Payen estivesse em perigo.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Claro." Seu sorriso se murchou um pouco. "Não demorou muito tempo para levar o vampiro para a sua cama?"

OH não. Agora não era tempo para fraquejar. Ela tinha que pensar em Payen. Ela forçou uma expressão de confusão. "O que?"

Ele veio para ela, esse sorriso paciente em seus lábios mais uma vez. Tudo que poderia fazer era retroceder para trás, fora de seu toque. "Eu não te culpo. Eu imagino que ele pode ser muito sedutor. Dominante inclusive."

Agora, isso simplesmente a estava desenquadrando. "Ele não faz parte do assunto. Isto é entre você e eu, Rupert."

"Sim. E eu penso que seria benéfico para todos se fossemos amigos."

Eu penso que você deve internar-se no Manicômio. "Sem ter em conta minha infidelidade?"

Os dedos de luz acariciaram seus braços. "Eu posso perdoar sua indiscrição."

"Por que faria isso?" Então o pegou. "Você quer se aproximar de Payen. Por quê?"

Ele não se incomodou em fingir. "Meus companheiros da Ordem amariam falar com ele, estudá-lo. Ele é uma enciclopédia ambulante de conhecimento histórico, Violeta. Imagina o que poderíamos aprender."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

A curiosidade acadêmica não poria semelhante brilho nos olhos de um homem que se procurava conhecimento, Violeta supôs. Ela também sabia que era um menosprezado membro da Ordem da Palma de Prata. Sem ter em conta sua própria opinião de Rupert, sabia da história de Payen com a seita, e sabia quanto ele os odiava. Eles tinham que odiá-lo quase tanto. O interesse de Rupert era voraz e ela protegeria seu amante custe o que custasse.

"Você e eu não temos que ser amigos para que possa falar com Payen, Rupert."

"Não, mas penso que ajudaria se ele confiasse em mim. E sossegaria todos esses rumores feios sobre você, minha estimada." Seus dedos se apertaram ligeiramente em seus braços. "Eu te adoro, Vi. Odeio ver-te prejudicada de qualquer maneira."

Ele tinha trocado sua melodia da outra noite quando a acusou de ser virtualmente uma prostituta. Havia um vislumbre de verdade em seus olhos — bastante para que Violeta se sentisse suja. E bastante falso para fazer picar sua espinha com medo. Ele estava ameaçando-a, ou era só sua imaginação selvagem?

"Eu o sinto, Rupert. De verdade, mas penso que deve ir agora."

Não se rendendo facilmente, ele deu outro apertão em seu braço antes de soltá-la. "Confia em mim, Violeta. Pensa no Senhor e Senhora Wolfram. Eu quero o que é melhor para você."

E para ele, ela suspeitou. Ele estava ferido na noite que seus planos de bodas foram destruídos, e ela o conhecia bastante bem para saber

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

que não se reconciliaria com tudo isso. Ele não a tinha perdoado. Nunca o faria. Ele se dirigia pelo que ela poderia fazer por ele, em lugar do que sentia por ela. Assim como quando ela esteve de acordo em casar-se com ele. Ela tinha abandonado a esperança por Payen embora sonhasse com ele vindo por ela.

O que Rupert estava fazendo não era agora por ela, e possivelmente tampouco era sinceramente por ele mesmo, mas era pela Ordem da Palma de Prata. Eles queriam ao Payen.

OH Deus.

"Eu pensarei sobre isso." Era uma mentira, mas parecia a maneira mais fácil de livrar-se dele.

Rupert sorriu, lhe acreditando obviamente. "Bom." Ele se reclinou para um beijo. Ela voltou sua cabeça, lhe dando sua bochecha.

"Falaremos depois," ele disse quando se aproximou da porta.

"Claro," Mas quando o viu fora, a cabeça de Violeta estava cheia com apenas um pensamento.

Obter que Payen saísse do inferno da Inglaterra.

* * *

Payen estava no banheiro, jogando sobre seus ombros a espessa água quente perfumada com sândalo, quando Violeta entrou em seu quarto. O sol apenas se escorregava no horizonte em sua longa descida

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

no extremo verão quando pegou o aroma sutil de seu perfume, ouviu o bater não tão sutil de seu coração.

"Verificando para se assegurar que ainda estou aqui?" Ele a chamou com um toque de moléstia. "Pensou que fugiria?"

Ela se moveu no banheiro com um sussurro de saias e respiração pouco profunda. Era o medo que irradiava dela o que o fez sentar-se, chapinhando água pelos lados da tina. "O que ocorreu?"

"Tem que ir." Isto teria sido divertido depois do seu bate-papo de caçá-lo se ele fugisse, mas havia insistência em sua voz, um apelo em seus grandes olhos. Ela se ajoelhou ao lado da banheira, distraída da água que empaparia seu bonito vestido.

Ele agarrou uma de suas mãos entre as suas. "Tranqüila, querida."

Ela o olhou fixamente, com seus olhos avelã grandes e redondos. "Rupert. Ele sabe o que é. Ele diz que quer que agora sejam amigos. Payen, eu penso que está em perigo."

"Rupert Villiers? Não provavelmente." As palavras eram mais para tranqüilizar a mente dela que a sua própria. Rupert Villiers não poderia ser uma ameaça sozinho, mas em companhia de vários outros homens experimentados em combate que conheciam as debilidades de um vampiro...

Sua outra mão agarrou seu ombro, seus dedos arranhando o músculo sob sua carne úmida. "Tem que partir. Esta noite."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Ela tinha medo por ele. Mais que isso, estava aterrada. Quando alguém se preocupou por seu bem? Décadas se muito. A maioria das pessoas assumia que ele era indestrutível, ou o mais próximo do que era impossível matar. Não sua Violeta. Possivelmente devia se sentir insultado que pensasse tão pouco de suas habilidades, mas não tolo. Com uma clareza ímpar soube que sua preocupação saltou de seus sentimentos por ele, e não sobre duvidar a respeito de sua proeza física.

A constatação era humilhante mas o deixou excitado, e se ergueu da tina com o coração cheio de uma emoção que não poderia nomear, e um pênis tão firme que poderia usá-lo como aríete.

Violeta o notou, claro. Como podia não fazê-lo? Ela também estava de pé, sua mão ainda na dele.

"Eu penso que você não está levando minhas preocupações a sério," informou a mandíbula firme, mas seu olhar se escorregou para sua ereção com um interesse que fez o atirar bruscamente em antecipação.

"Ao contrário," Payen respondeu, enquanto saía da tina e puxando-a firme contra ele. "Eu tomo tudo a sério sobre você. Você é como uma espada que pende em cima de minha cabeça."

Ela sorriu a ele. "Isso é encantador."

Ele envolveu seus dedos ao redor do nó espesso de cabelo enrolado na parte de trás de sua cabeça, enquanto a sustentava para que não pudesse rechaçá-lo. "Eu não posso me afastar de você, e sei que é simplesmente uma questão de tempo antes que pegue meu coração."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Até onde sabia de cumprimentos, soube que não era um bonito, mas Violeta entendeu. Ela sempre entendia, maldição.

Um calor moderado brilhou em seu rosto, mas havia tristeza em seus olhos. "Você poderia simplesmente me deixar te ter, sabe. Então não teria que lhe recordar isso."

Ele sorriu. "Onde está a diversão nisso?"

Ela não devolveu o sorriso. "Eu não tenho tempo para gastá-lo com você."

Ele tragou um nó que estava se formando em sua garganta. "Eu pensei que fosse me caçar."

"Até que eu morra. Eu vou morrer algum dia, Payen. Realmente quer viver com esse pesar?"

Ele se tinha obrigado a não pensar sobre isso, mas aqui estava, como um balde de água na cara igual ao de ontem à noite.

Violeta e morte não eram algo que pudesse ajudá-lo. Ela era tão jovem, como ele podia pensar em seu final? E ainda assim, soube que viria. Ele o tinha visto tanto no passado.

Não Violeta. Não seus olhos avelã e lábios doces. Ninguém mais deixando-o demente com perguntas e demandas. Nenhuma espada mais sobre sua cabeça.

Ele não podia respirar.

Os dedos suaves arranharam sua bochecha. Os dedos de Violeta ficaram secos. "Eu tomarei isso como um não," ela sussurrou.

Então ela ficou nas pontas dos pés e seus lábios exigiram os seus com uma urgência que aliviou a dor em seu peito e o distraiu. Ele estava duro querendo-a, e se ela o permitisse, tê-la-ia.

Mas quando voltava para sua cama, Violeta o montando com suas saias ondulando ao redor deles, Payen compreendeu que era ela quem ia tê-lo. Ele abriu suas coxas indo em direção à abertura em seus calções finos que estava úmido com seus sucos. Seu corpo o aceitou prontamente, liso e quente quando ela o tomou dentro, escorregando hermeticamente sob a longitude inteira dele, até que suas nádegas descansassem no topo de suas coxas.

Foi rápido e urgente, com ela movendo-se contra ele quando se aferrou a seus quadris sob a montanha de saias e vestido. Tudo que podia fazer era arquear seus quadris e gemer, lhe pedindo que o tomasse de todas formas, lhe permitindo vir-se dentro dela quando ela se viesse para ele.

E quando aconteceu, foi notável e intenso, quase violento quando alcançaram o clímax juntos, suas vozes se mesclaram quando clamaram em alegria.

Depois, quando Violeta se derrubou sobre ele, Payen compreendeu que estava perdido. Ele teria que encontrar algum tipo de compromisso dentro dele, e seus sentimentos por esta mulher, porque não havia nenhuma maneira que pudesse fugir de novo.

Ela acariciou sua mandíbula com seus dedos, seu peito apertou contra dele. Ele poderia sentir a batida de seu coração, inclusive através das capas que ela levava. Tropeçou a tempo com o seu próprio.

"Promete-me que irá," ela sussurrou. "Só desta vez, faça o que te peço e corre."

A estreiteza em sua garganta voltou, mas ele o ignorou. Ele não queria deixá-la. Não sabia se era seguro, mas estaria em mais perigo com ele. "Só se promete me caçar assim que possa."

A cabeça de Violeta se elevou. Uma expressão de maravilha abrandou seu rosto encantador, redondo. As lágrimas brilharam em seus olhos. "Eu te caçarei."

Ele a beijou. "Eu me assegurarei de que me apanhe."

E isso era tudo o que ele poderia permitir lhe dar por agora.

Capítulo 7

Payen se permitiu tomar toda a confiança que tinha Violeta e algo mais. Ela confiou nele com sua vida, mas confiar nele lhe permitindo amá-la era outra história.

Ela o amava, mas cinco anos depois de sua fuga súbita ela era relutante em confiar nele de novo com seu coração. Conhecendo-o, ele

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

fugiria a alguma parte onde ela não o poderia seguir, e afirmando que era pelo próprio bem dela.

Seus pertences foram empacotados e enviados para Londres onde ele pegaria um navio para o continente. Uma vez que fosse seguro, Henry, Eliza, e Violeta também sairiam, fugindo do escândalo de Violeta que caía sobre eles. Payen viria por ela na Itália. Eliza certamente desaprovava isso, mas Violeta tinha que seguir seu coração.

Eles se despediram na biblioteca onde as portas francesas se abriam para o jardim. Eles não tinham nenhum vizinho próximo, mas o isolamento do jardim ajudaria a assegurar que ninguém visse Payen saltar no céu como um morcego — assim era como começavam os rumores.

"Eu não gosto de fugir como um covarde," Payen disse. "Eu quero ficar e lutar."

Henry o aplaudiu no ombro. "Eu sei que quer nos proteger, meu amigo, mas nós estivemos de acordo que é mais seguro para todos nós se for. Nem Eliza nem eu queremos que algo te aconteça, e eu sei como se sentiria se algo acontecesse conosco." Seu olhar saltou a Violeta. "Ou a alguém mais."

Violeta se ruborizou sob o fixo olhar inteligente de ambos os guardiões, mas mais que tudo ela se ruborizou porque Payen estava olhando-a da maneira que sempre o tinha querido — como uma mulher a que não queria deixar.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

"Se afaste do Villiers," Payen a advertiu — como se não tivesse planejado fazer isso. "Ele pode pensar que sabe onde estou e te usar para me encontrar."

Violeta tragou. Antes não tinha imaginado Rupert capaz de tal dissimulação, mas sua visita mais cedo lhe tinha mostrado um homem diferente do que pensou que conhecia.

E a fez perguntar-se — tinha ele ou alguém próximo a ele conhecimento sobre ela e sua conexão com Payen antes disto? Era Payen a razão pela que Rupert se propôs a ela em primeiro lugar? Que irônico seria isso, quando a dor pela perda de Payen foi a razão pela que tinha aceito corresponder ao Rupert.

"Tem certeza que estará a salvo se for?" Embora tinha sido sua idéia, estava tendo segundos pensamentos.

Payen tomou uma de suas mãos entre as suas que estavam muito mais quentes. "Sim. Villiers e a Ordem certamente os usariam contra mim se eu permanecesse."

"Eu pensei que disse que não haviam muitos da Ordem."

"Eu ouvi que há ainda um pequeno grupo aqui e ali cruzando a Europa. Mas tudo o que se precisa é uma pessoa para reacender o interesse das velhas lendas, as crenças antigas. Uma pessoa que diga que encontrou um vampiro Templário e então se desata de novo o inferno."

"O que querem de você?"

"Vingança. Poder. Vingar-se pela interferência dos Templários há séculos, e o poder que acreditam que é seu direito."

Violeta viu como algo obscureceu os olhos de vinho xerez de Payen. Seu rosto se apertou quando sua cabeça voltou-se para a porta. Ela seguiu seu olhar. A porta que tinha estado vazia tinha uma figura de pé na sua soleira agora. Várias figuras realmente, mas foi uma na frente que chamou sua atenção.

"Rupert." Maldição. Eles não tinham sido suficientemente rápidos.

Seu noivo anterior sorriu friamente. "Indo para alguma parte, Carr?"

Payen deu de ombros, parecendo indiferente, mas a mão que segurava Violeta a seu lado era algo exceto relaxada. "Eu fiz o que devia fazer."

"Ah sim." O homem mais jovem apertou suas mãos juntas quando pôs uma de suas botas com o pé dentro da porta. "Você estragou minhas bodas."

"Estou feliz por havê-lo feito," respondeu, mofando-se da resposta. "Violeta merece alguém melhor que seu tipo."

Rupert riu. "Eu não estou seguro se o vigário estaria de acordo com você."

Payen sustentou seu olhar. Seu rosto era nulo de emoção — Violeta nunca o tinha visto tão fechado, tão vazio. "O Vigário sabe só sobre sua

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

própria ignorância. O verdadeiro mal leva freqüentemente uma cara humana.”

"Os monstros sempre dizem isso." Rupert agitou sua cabeça. "Você sabe, antes que se apresentasse, eu não tinha nenhuma idéia sobre a história da Palma de Prata? Estou em grande dívida a respeito da minha educação. Se não tivesse declamado livremente o que era, eu teria assumido que você e Violeta tinham sido só amantes e nada mais. Imagine minha surpresa quando disse a vários amigos da Ordem o que você havia dito."

Pela primeira vez se formou uma ruga na testa de Payen. Ele se culpou disto, isso era óbvio. "Eu imaginava que estavam mais ansiosos em educá-lo."

"OH eles estavam. Estão." Rupert riu entre dentes. "Eu quase não acreditei no conto fantástico que me disseram. De fato, vim aqui para discuti-lo com você na noite anterior — e lhe vi deixar o quarto de Violeta." Ele disparou um olhar curto a ela, mas a surpresa estava no rosto de Eliza. "Eu te vi voar, e soube então que meus irmãos tinham tido razão."

A mandíbula de Payen se apertou. Violeta poderia lhe ouvir quase amaldiçoar-se por ser tão descuidado. Ela envolveu seus dedos ao redor do punho firme que ele sustentou fixo a seu lado e apertava. Ele evitou o mais breve dos olhares, mas o calor que havia ali era tudo que ela necessitava.

"O que você quer, Villiers?" Foi Henry quem perguntou. Henry duro, valente.

Rupert voltou sua atenção para Payen. "O Graal do Sangue. Onde está?"

Então era isso, Payen o compreendeu quando tentou pôr o corpo de Violeta detrás do dele. Eles queriam o cálice da vida eterna — que estava impregnado da essência de Lilith, demônio e mãe de todos os vampiros. Ele poderia supor que só Villiers desejava provar a imortalidade para ele mesmo.

"Não tenho nenhuma idéia." Isso era só meio mentira. Ele sabia que o Graal estava em posse dos homens que o roubaram dos Templários no dia fatal de outubro faz mais de seiscentos anos, mas além disso não sabia nada, só que estava seguro. Seu amigo, o Pai Molyneux, um sacerdote francês jovem, tinha sido escolhido pelos poucos Templários restante para vigiar aos vampiros e ao Graal, e o jovem sabia mais que ele. Ele não estava a ponto de dizer a este pequeno descarado onde esses homens — vampiros — estavam.

"Bem então," Villiers começou, elevando uma pistola. "Eu terei que levá-lo, Sr. Carr."

Payen riu ruidosamente. "Você pensa isso, homenzinho?"

Villiers franziu o cenho. "Eu tenho balas de prata nesta pistola." Ele cabeceou aos homens detrás dele. "Vamos."

Payen se esticou mas os homens não vieram por ele. Foram por Eliza e Henry, e quando Payen se moveu para ajudá-los, o canhão da

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

pistola de Villiers virou para apontar a Violeta. Dois homens vieram por ela também. Ele podia cheirar seu medo quando a flanquearam.

Todos tinham pistolas — pistolas apontadas nele, seus amigos, e em Violeta. Disparando o feririam, mas inclusive se não era o bastante rápido não poderia salvar aos outros três. Pelo menos um deles morreria.

Deus o ajude, ele salvaria Violeta se pudesse, sacrificando seus amigos para fazê-lo.

Um tiro soou. Payen puxou para a esquerda e sentiu o metal quente passar silvando em sua orelha. Ele poderia dizer exatamente pelo aroma o que era. Balas de prata. Villiers não tinha mentido. A prata poderia ser fatal a um vampiro se furava o órgão correto — como o cérebro ou o coração.

Villiers estava sorrindo abertamente. "Considere um tiro de advertência. Você virá pacificamente, Carr? Ou terei que conseguir que se renda?" Por trás dele um homem tinha o que parecia ser uma rede de prata.

Jesus Cristo.

"Nós não queremos ferir o Senhor e Senhora Wolfram, ou à Srta. Wynston-Jones," Villiers disse. "Mas nós o faremos se você não cooperar."

"Bom senhor, homem!" Henry chorou. "Que estás diabos fazendo? Será pendurado por isso!"

E por um momento houve uma piscada de indecisão nos olhos de Villiers. "Não se não me apanham, meu senhor. O que diz, vampiro?"

Payen olhou seus amigos. Eliza e Henry estavam pálidos, as pistolas apontavam a suas têmporas. Violeta o olhou com os olhos tão grande como pratos, lhe pedindo que não cedesse.

Era por ela e sua segurança que ele retrocedeu ao Villiers com um suspiro de derrota. "Irei de boa vontade."

"Não!" Violeta chorou. Ela se estendeu por ele, mas só alcançou as mãos de Payen. Seu coração estava pesado com uma dor que não poderia nomear, mas soube que estava fazendo o correto. Isto asseguraria que Violeta estivesse mais uma vez segura. Uma vez que estivessem fora da casa ele poderia tentar escapar — ele mataria ao Villiers certamente — mas não poderia arriscar-se a causar danos àqueles que ele amava.

Ele devia saber que Violeta não lhe permitiria acabar assim. Ele devia saber que o amor transcenderia o bom senso. Devia saber que ela nunca se sentaria silenciosamente enquanto a deixava, quando jurou que não o faria.

Ele andou rapidamente para Villiers. O canhão da pistola apontado nele apenas vacilou. OH sim, a Ordem tinha escolhido bem a este. "O que lhe prometeram?" Ele perguntou.

Villiers sorriu. "Dinheiro. Poder. Tudo."

"Ainda assim não terá Violeta."

Por um momento, o prazer de Villiers murchou. "Eu posso encontrar alguém que será melhor esposa que uma gorda puta de vampiro."

Payen teria rasgado sua garganta se não fosse pela nota ferida na voz do jovem. Ele sorriu em troca, registrando que alguém tinha fechado de repente um grilhão sobre seu pulso. Julgando pelo calor e o fato que parecia extrair a seiva de sua força, ele apostaria que era prata. "Deve matar saber que cheguei ali antes de você, e que eu a tive de novo."

A mandíbula de Villiers apertou-se. "Você a arruinou. Em todos os sentidos." Ele levantou a pistola. "Possivelmente devo matá-lo simplesmente — lhe permitindo viver com a imagem de seu rosto bonito orvalhado pela parede do salão."

Payen não temia à morte, mas não que quis Violeta visse isso. "A seus superiores não gostaria isso."

"Não esteja tão seguro. Eu serei o primeiro da Ordem a matar um vampiro em séculos. Estou seguro que seu sangue seria muito útil a nossos experimentos."

Seus olhares se travaram. "E você me chama de monstro."

Villiers jogou um olhar para trás de onde Payen resignado ia a seu destino. Este moço estava muito entusiasmado, muito cheio de poder, medo e de sua própria importância. Ele ia apertar o gatilho.

E então Payen golpeou ao desequilibrado. Ele o lançou adiante um pouco mais de um par de passos, mas o bastante para transmitir sua mensagem ao Villiers. Houve uma resistência em seu braço quando o homem tentou encadeá-lo aos ferros, e uma explosão perto de sua orelha quando Villiers disparou sua arma.

Eliza gritou e o mundo parou. Ele poderia cheirar o sabor a sangue no ar. Ele tinha ouvido que a bala entrar na carne, ouviu uma fervura estrangulada, e então um corpo golpeou o chão em um sussurro de saias. Voltou a cabeça e a viu.

Sua Violeta, estava no chão, sangue saindo de um buraco em sua garganta. Ela tinha tentado empurrá-lo fora da direção da bala?

Ao lado dele, Villiers abriu a boca em choque, tremendo como um tolo. Teria sido tão fácil matá-lo então, rasgar sua garganta separando-a com dois dedos e olhar a vida deixar seus olhos.

Mas era a vida que se esgotava dos olhos de Violeta que o impediram de fazer isso. Ele correu para ela, ajoelhou-se a seu lado com um uivo de raiva que agitou a casa inteira. Pelo canto do olho viu Villiers e seus homens restantes escaparem, e não se importou.

Ele os encontraria depois.

Sangue se estendia no chão por baixo de Violeta, empapando através de seu vestido e caindo por dentro de seu cabelo. Ruídos de murmúrios horríveis vieram de sua garganta quando sua boca tentava falar.

"Não fale," Payen exigiu quando compreendeu o que ela estava tentando fazer. "Jesus, Vi. Não fale."

Eliza e Henry estavam de repente ali ao lado dele; os dois começaram a chorar quando viram a severidade da ferida de sua protegida. Nada podiam fazer. Violeta ia morrer.

"Não," Payen sussurrou. Isso não poderia acontecer. Um mundo sem Violeta seria cinza e inanimado, igual à fotografia que Lady Verge lhe tinha mostrado. Ali não haveria mais música, nenhum prazer, nenhuma risada a menos que Violeta a causasse. A idéia disso, a certeza de não voltar a vê-la nunca, jamais possuí-la de novo, golpeou-o no peito como uma explosão de canhão.

E soube com certeza total, e sem vergonha que não poderia viver em um mundo onde não havia Violeta. Ele não viveria sem ela.

Ele a amava.

E foi por isso que, embora Eliza e Henry tivessem razão, ele olhou dentro dos olhos da mulher que amava e disse, "eu vou te caçar, Violeta Wynston-Jones."

Os olhos avelã, embotados com o susto, encontraram-se com os seus, e por um segundo se iluminaram quando seu significado a penetrou. Ela cabeceou — tão ligeiramente que ele o teria perdido se não a olhasse tão estreitamente esperando semelhante sinal.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

E então, ouvindo o enfraquecimento de seu coração e sabendo não havia tempo a perder, Payen baixou sua cabeça à ferida em sua garganta onde a prata rasgou sua carne, e bebeu. Ele não queria lhe causar dor, por isso tomou só o que necessitava enquanto Eliza e Henry se afligiam e exigiam saber o que estava fazendo — ele não tinha respeito?

Ele não os olhava e certamente não pediu sua permissão quando elevou sua cabeça o suficientemente para morder seu próprio pulso e oferecer seu sangue a Violeta. Os puxões de seus lábios eram ao princípio lentos e débeis, mas cresceram na força e sucção. Lhe permitiu beber de si até fartar-se, até que sua própria cabeça rodasse e tivesse enjôos. Ele quis assegurar-se que ela tinha o bastante.

Finalmente, ele se separou. Com Eliza e Henry olhando-o com horror, ele tirou a gravata do redor de seu pescoço e a envolveu ao redor do de Violeta para ajudar que sangrasse lentamente.

"Meu Deus, homem," a voz do Henry estava crua com o ceticismo. "O que fez?"

Payen voltou os olhos cansados a seu amigo. "Espero que somente tenha salvo à mulher que amo."

Capítulo 8

As bodas aconteceram às oito em ponto duas noites depois no convés de um navio a caminho da França.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

A noiva usava a cor violeta — a cor favorita do noivo — em lugar do branco. E em seu dedo, o noivo sorridente pôs um anel que tinha pertencido a outra futura senhora Carr quase oito séculos antes — sua mãe.

"Você toma a esta mulher como sua esposa?" O capitão perguntou.

Desde que tinha quebrado seus votos aos Templários, Payen decidiu que só teria razão se fazia os votos mais importantes de sua vida com Violeta, a mulher que tinha convertido em vampiro.

A mulher que não o permitiria afastar-se mesmo que quisesse.

Ele sorriu abertamente à mulher ao lado dele, mostrando simplesmente uma indireta de presa. "Aceito."

Henry e Eliza estavam presentes como testemunhas da cerimônia. Nenhum o tinha perdoado totalmente por fazer a sua anterior tutelada uma vampira e amaldiçoá-la a uma vida na escuridão, mas nem eles poderiam conter sua alegria de tê-la outra vez viva.

"Eu os declaro marido e mulher."

Violeta virtualmente saltou em seus braços, cada doce polegada dela. Ele amava poder sustentá-la e não precisar ter cuidado se a machucaria. Ele amava sua força e suavidade, cada oco e cada curva redonda. Ele a amava.

Rupert Villiers deixou a Inglaterra na mesma noite do ataque. Ninguém parecia saber com segurança onde ele foi e por agora Payen

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

estava bem com isso. No futuro, uma vez que Violeta se estabelecesse em sua nova vida, os dois se estabelecessem juntos em sua nova vida, ele começaria a caça pelo pequeno bastardo. Mas não ia pensar nisso em sua noite de bodas.

Eles compartilharam um jantar ligeiro com o Henry e Eliza e então se retiraram a sua cabine. Payen estava agradecido pela privacidade.

"Eu não poderia aguentar um minuto mais com Eliza me franzindo o sobrecenho."

Violeta riu entre dentes quando lhe ofereceu suas costas. "Ela ficará bem. Poderia me desabotoar?"

Ele beijou o lado de seu pescoço. "Com prazer."

"Nenhum remorso?" Ela perguntou quando seus dedos desabotoavam a fila de pérolas diminutas ao longo de sua espinha. Ele a queria nua. Agora.

A parte de atrás de seu vestido se abriu, caindo por seus ombros, ele a virou para que estivessem de frente, para que pudesse olhar nesses olhos grandes e permitir ver a verdade ali. "Eu lamento haver te deixado faz cinco anos, mas nunca poderia lamentar estar contigo agora."

"Está seguro?"

A incerteza era estranha nela. Ela duvidava de suas razões por trocá-la? "Eu lamento mais ter cortado o prato chinês de Lady Verge."

Seus olhos alargaram. "Cortou um prato?"

"Quando ouvi que estava comprometida, sim."

Ela riu entre dentes, tão bela, que não se incomodou em admitir a casualidade penosa. "Eu tenho muitos pesares em minha vida, Violeta Wynston-Jones Carr, mas te amar não é nenhum deles."

"Você me ama?"

Suas mãos seguraram suas bochechas. "Claro que o faço. E sou um asno por não me convencer antes disto. Você é a cor em meu mundo, Violeta. Todas as noites são mais luminosas contigo nele."

As lágrimas se aferraram nas suas pestanas quando ela sorriu. "Eu sabia que me amava, mas depois... o que aconteceu," ela ainda não podia simplesmente falar sobre o ataque neles, "eu pensei que poderia havê-lo feito por culpa."

"Eu o fiz por razões completamente egoístas," Payen respondeu, enquanto arrastava o vestido de seus ombros para que caísse a seus pés em um monte de seda suave. "Para te manter comigo pela eternidade."

Ela envolveu os braços compridos, fortes ao redor de seu pescoço. "Mais nenhuma fuga?"

"Não a menos que seja ao redor do quarto. Mas te caçarei, meu amor. Não importa onde vá, te encontrarei."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Violeta sorriu. "E eu te encontrarei."

Payen lhe faria amor ali mesmo, em pé no meio do chão de um navio que oscilava irregularmente sob seus pés, mas sua esposa merecia uma cama em sua noite de bodas, e assim que tirou o resto da roupa dela e sua, a cama foi onde a pôs.

Ela ficou por baixo dele, esticada e aberta a seu olhar, tocando-se como uma oferenda pagã aos deuses. Uma oferenda a ele.

Ele cobriu a plenitude de seus peitos com suas mãos, arrastando seus polegares ligeiramente pelos cumes rosa firmes. Violeta abriu a boca de prazer, suas mãos cobriram as suas, uma vista que enviou uma onda de desejo direto a seu já palpitante membro. Seus mamilos eram tão sensíveis, tão incrivelmente receptivos a seu mais ligeiro toque. Payen tomou um entre seus lábios, castigando-o com sua língua antes que o beliscasse brandamente com seus dentes. Ela se retorceu debaixo dele, enquanto elevava seus quadris num convite — um silencioso que ele aceitou, escorregando-se entre suas coxas cheias para empurrar a longitude ávida dele contra sua umidade quente.

Ele amava a sensação dela. Amava seu sabor, textura, a maneira que gemia. Ele amava a maneira que ela cheirava, todo calor e fêmea úmida, a doçura e gostosura.

Ele chupou e puxou seu mamilo até que estivesse duro, vermelho e estirado, e seus dedos puxaram seu cabelo, então voltou seus cuidados ao outro peito. Quando a tinha espremendo-se contra ele, a pequena mão direita no seu sexo chamando-o, soube que era tempo para seguir.

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Ele baixou, plantando beijos ao longo das partes inferiores de seus peitos, a carne suave de seu abdômen. Ele formou redemoinhos com sua língua ao redor da piscina pequena de seu umbigo e a roçou suave, ao redor de seu ventre com sua mandíbula. Ela se estremeceu contra o raspar de sua barba incipiente, abriu a boca quando a roçou com suas presas.

Payen se ajoelhava entre suas pernas com suas mãos agarradas a seus ombros. O aroma caloroso, salgado de sua excitação encheu seus orifícios nasais, alagando-o com um desejo tão grande que tomou todo o controle dele.

Ele separou os lábios de seu sexo com os dedos. O primeiro passo de sua língua simplesmente foi uma lambida rápida que elevou seus quadris fora da cama. O segundo foi mais firme, tinha mais propósito. Violeta gemeu sua aprovação, plantando seus calcanhares no colchão quando levou seu membro a sua boca. Payen lambeu de novo, desta vez entrando mais íntimo para que a barba ligeira de seu queixo escovasse em seu lábio e na pele sensível, para que ele pudesse usar seus lábios e língua nela.

Ele moveu sua língua implacavelmente contra ela e seu pequeno amigo encapotado até que ela estivesse soluçando de prazer. Então, ele escorregou dois dedos dentro dela, encurvando-os ascendentemente acariciando a parede em forma de crista diminuta ali. Os quadris de Violeta se elevaram e seus gemidos se intensificaram, então, Payen apertou seus lábios contra a carne doce de sua coxa interna e mordeu.

Ela se veio tão forte que empapou seus dedos com seus músculos seguros ao redor deles igual a um parafuso de banco. Seus lamentos

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

ecoaram com pelo quarto e seu polido orgulho masculino soube que pelo menos um homem da tripulação tinha que ter ouvido os efeitos de sua proeza. Não havia um homem vivo que não entendesse o que era fazer uma mulher gritar com prazer.

A presunção de Payen foi efêmera, a próxima coisa que soube é que estava sobre suas costas e Violeta estava em cima dele, montando seus quadris e mergulhando o calor úmido dela em volta de seu dolorido pênis com tal desenfreamento que logo as cobertas estavam se rasgando sob a força de seus punhos e ele estava gritando quando se veio igual a Violeta quando gritou pela segunda vez. Assim que os tremores começaram a diminuir, Violeta se baixou por cima dele para que pudesse afundar suas presas em seu ombro, enviando onda depois de onda de prazer através deles.

"Isso esteve bem," ela disse depois, envolta em seus ombros quando se ajeitavam juntos no rasgado e úmido lençol.

Payen riu. "Bem? Mulher, você será a morte para mim."

Virando para ele, ela se ergueu no cotovelo. Uma cortina espessa de cabelo caiu em cima de seu ombro para juntar-se em seu peito. "Sua morte? Não. Penso que sou sua vida, Payen Carr."

Ele tinha que estar de acordo, mas a apertou entretanto. "Eu vivi durante séculos antes de você, é uma pequena juvenzinha impertinente."

"Você existia," ela corrigiu arrogantemente. "Não começou a viver até sua primeira noite comigo. Admite-o. É por isso que fugiu."

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Ele a olhou fixamente. Ela nunca deixava de assombrá-lo. Elevando um dedo, ele o arrastou sob a curva acetinada de sua bochecha. "Tem razão. E eu quase morri quando pensei que te perdia. Eu teria te seguido na morte, Violeta. Eu fui tão tolo por não vê-lo antes, mas teria acabado minha própria vida só para te encontrar na outra."

As lágrimas caíram por suas bochechas, e os próprios olhos de Payen queimaram quando a umidade ameaçou cair deles.

"Não tem que voltar suas costas aos Templários," lhe disse. "Eu não o impedirei de manter suas promessas a eles."

Puxando-a ele a beijou. "Eu te amo."

Violeta abriu sua boca, mas Payen impôs silêncio a suas palavras com as suas próprias. Ela não tinha que dizer que o amava. Ele o sentia em seus ossos, assim como soube que podia manter suas promessas feitas aos Templários. De fato, ele o planejava. Mas esses votos viriam em um segundo longínquo e distante aos votos que fez a sua esposa.

Fim

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Sobre Kathryn Smith



Meu marido diz que eu tenho o melhor trabalho no mundo. A única coisa que poderia superar ser paga para fazer o que amo é se os Livros da Avon decidissem que todos seus autores seriam alimentados de chocolate pelo Hugh Jackman ou John Cusack. Mas meu marido provavelmente não pensaria tanto em meu trabalho, então em troca eu lhe permito me alimentar com chocolate e sigo para sempre agradecida que tenho o marido — e o trabalho — melhores do mundo.

www.kathryn-smith.com

